

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

MARINA DE MORAES E PRADO

**UM OLHAR SOBRE A PATERNIDADE ADOLESCENTE:
ESPECIFICIDADES DE UMA VIVÊNCIA**

Prof. Dr^a. Mônica Medeiros Kother Macedo
Orientadora

Porto Alegre
2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**UM OLHAR SOBRE A PATERNIDADE ADOLESCENTE:
ESPECIFICIDADES DE UMA VIVÊNCIA**

Dissertação de Mestrado

MARINA DE MORAES E PRADO

Prof. Dr^a. Mônica Medeiros Kother Macedo
Orientadora

Porto Alegre, agosto de 2011.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**UM OLHAR SOBRE A PATERNIDADE ADOLESCENTE:
ESPECIFICIDADES DE UMA VIVÊNCIA**

MARINA DE MORAES E PRADO

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Prof. Dr^a. Mônica Medeiros Kother Macedo
Orientadora

Porto Alegre, agosto de 2011.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

(Isaura Miranda de O. Pinheiro
Bibliotecária CRB1/2512 - 2010)

P895o Prado, Marina de Moraes e.
Um olhar sobre a paternidade adolescente [manuscrito] : especificidades de uma vivência /Marina de Moraes e Prado. – 2011. 82f. il

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mônica Medeiros Kother Macedo.

Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Psicologia, 2011.

Inclui bibliografia; tabela.

1. Psicanálise - Adolescência 2. Paternidade – adolescência
I. Macedo, Mônica Medeiros Kother II. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, **Faculdade de Psicologia** III. Título.

CDU: 159.964

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Marina de Moraes e Prado

**UM OLHAR SOBRE A PATERNIDADE ADOLESCENTE:
ESPECIFICIDADES DE UMA VIVÊNCIA**

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Mônica Medeiros Kother Macedo

Presidente

Prof. Dr^a.Daniela Centenaro Levandowski

Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA)

Prof. Dr^a.Sílvia Pereira da Cruz Benetti

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Porto Alegre, agosto de 2011.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

À Mônica Medeiros Kother Macedo, minha orientadora, pelo suporte contínuo, pelo incentivo e convívio, no qual pude apreender muito além do conteúdo teórico compartilhado. A disponibilidade e o carinho transcendem a distância, aproximando pela afetividade e envolvimento com o saber e com o humano.

Meu reconhecimento e minha gratidão.

AGRADECIMENTOS

Ao longo da jornada de concretização deste mestrado, muitas foram as pessoas que me auxiliaram das mais diferentes formas, às quais sou eternamente grata.

Aos meus pais, Antônio e Geni que nunca mediram esforços ou dificuldades ao suporte constante, me ensinando desde os primeiros anos de vida, pelo exemplo diário, a viabilidade do amor incondicional.

Ao meu irmão que compartilha comigo meu dia-a-dia, minhas felicidades e angústias mais íntimas com laço profundo de fraternidade e amor.

À minha tia Divina, minha segunda mãe, pelo incentivo e pelo amor devotados.

Ao meu noivo Danilo pela compreensão, pelo compartilhamento da jornada de vida, de sonhos, frustrações e constantes e ricos recomeços diários.

Aos meus avós e familiares que sempre me incentivaram à busca constante do saber.

Aos meus amigos dos diferentes momentos e contextos pelos quais passei nesse período pela escuta diária e o apoio constante.

À Patrícia Gramacho pela oportunidade oferecida e os ensinamentos compartilhados.

Aos meus queridos colegas de mestrado, de jornada inédita, turbulenta e gratificante: Flávia, Eli, Cláudia, Beth e Charles.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul pela compreensão e pelos ensinamentos.

Aos colegas do grupo de pesquisa “Fundamentos e Intervenções em Psicanálise”, pela receptividade tão calorosa e pela disponibilidade no auxílio, das mais diversas formas.

À Renata Ayub e à Paula Kegler pelas leituras criteriosas e pelo desprendimento pessoal e paciência no ensino do pensar e pesquisar.

À Isaura, ao Thomás Gomes e à Mariana pela disponibilidade e empenho em meu auxílio na construção deste trabalho.

Aos adolescentes, participantes deste estudo, que me permitiram compartilhar com eles um momento de tamanha intensidade emocional e que me ensinaram muito com suas experiências vividas.

RESUMO

A adolescência constitui-se como um processo transicional de intensas sobreposições de vivências sociais, psíquicas e corporais, possibilitando ressignificações concernentes ao estabelecimento do processo identitário. Nesse contexto, o advento de uma paternidade demanda novos arranjos psíquicos e sociais. Esta dissertação tem como objetivo identificar e abordar as percepções e vivências de pais adolescentes, a partir do referencial teórico psicanalítico. Foram elaboradas duas seções sobre o tema: uma teórica e uma empírica. O estudo teórico refere-se, a partir de uma revisão da literatura, aos pressupostos psicanalíticos que contemplam a possibilidade de uma compreensão aprofundada a respeito das vivências e conflitivas próprias da adolescência. A seção empírica desenvolve um estudo qualitativo, com o objetivo de identificar como o adolescente do sexo masculino percebe e vivencia sua experiência de paternidade, identificando expectativas e temores em relação ao tornar-se pai. Foram entrevistados cinco adolescentes do sexo masculino, com idades entre 12 e 18 anos, cujas parceiras estavam no terceiro trimestre de gravidez. Através da técnica de Análise de Conteúdo, foram identificadas quatro categorias finais, elaboradas e ilustradas na seção empírica com vinhetas das falas dos participantes. As categorias finais são as seguintes: Expectativas e sentimentos em relação à gestação e ao filho: atravessamentos narcísicos; Presença paterna no processo de gestação: construção de potencialidades; Experiência de paternidade: ressignificação da história de vida; e Especificidades nos modos de inscrição do ser pai na adolescência. Os aspectos encontrados nesta dissertação possibilitaram um melhor conhecimento sobre a articulação entre as demandas identitárias da adolescência sobrepostas a uma experiência de paternidade nesta idade da vida. Os participantes do estudo mostraram-se desejosos de estabelecer uma relação de proximidade e envolvimento com o filho e referiram a possibilidade de tal experiência viabilizar amplas ressignificações relativas as suas vivências, como filhos, com os próprios pais. O estudo realizado permitiu constatar a importância da atenção em nível de políticas públicas e privadas a fim de fomentar aspectos de saúde psíquica contemplados na experiência de paternidade adolescente. Constatou-se que, frente a ocorrência de uma gravidez na adolescência, é necessário não restringir à compreensão da situação a possíveis falhas no processo de comunicação com adolescentes no que diz respeito à métodos anticonceptivos, mas, sim, lançar um olhar que possa promover a saúde dos jovens envolvidos em vivências nas quais passam a exercer funções de paternidade. Afirma-se, portanto, a relevância de que estes jovens possam ser acolhidos em espaços que promovam condições de elaboração das diversas conflitivas e potencialidades que cada situação de paternidade na adolescência a partir de sua especificidade possa vir a contemplar.

Palavras-chave: Adolescência, Psicanálise, Paternidade.

Área conforme classificação CNPq: 7.07.00.00-1 (Psicologia)

Subárea conforme classificação CNPq: 7.07.10.00-7 (Tratamento e Prevenção Psicológica)

ABSTRACT

Adolescence could be considered as a transitional process which concerns intensive social, psychic and body experiences enabling resignifications about the establishment of identity process. In this context, fatherhood demands some psychic and social changes. This dissertation has as an objective to identify and address the perceptions and experiences of teenager parenthood from psychoanalytical theories. Two sections were written about this topic: a theoretical and an empirical one. From a literature review, the theoretical section refers to the psychoanalytical theories which enable a deep understanding concerning the experiences and conflicts of adolescence. The empirical section develops a qualitative study which intends to identify how male teenagers see and live their fatherhood experience identifying expectancies and fears about becoming a father. Five male teenagers were interviewed between 12 and 18 years old whose partners were in the third semester of pregnancy. Through the Analysis of Content, four final categories were identified and they are in the empirical section with participants' speech about it. The final categories are: Expectancy and feelings about pregnancy and son: narcissist matters; Fatherhood presence in the pregnancy process: construction of potential; Fatherhood experience: resignification of life history and Specificities in the way of becoming a father in adolescence. The aspects found in this dissertation enabled us to get a better knowledge concerning the link between adolescence identity demands and experiences of fatherhood in this life stage. The participants of the study expressed to want to get a bond with their child and also this could serve as a way of resignification of their own childhood experiences with their parents. This study also reassures the importance of public and private politics which adds some important aspects to psychic health that belongs to the adolescence fatherhood experience. It was found as well that facing a teenager pregnancy it is necessary not restrict the understanding of the situation to some possible failures in the process of communication with adolescents concerning contraceptive methods but it is necessary to try to understand this situation as a way to promote health of these teenagers involved in this kind of situation in which they have a new role which is being a father. Once again, it is important that these teenagers could be sheltered into a place that promotes conditions of elaboration of the conflicts and potential which each situation of fatherhood in adolescence from their specificities.

Keywords: Adolescence, Psychoanalysis, fatherhood.

Area as CNPq Classification: 7.07.00.00-1 (Psychology)

Subarea as CNPq Classification: 7.07.10.00-7 (Treatment and Psychological Prevention)

SUMÁRIO

LISTA GERAL DE TABELAS.....	11
INTRODUÇÃO GERAL.....	12
Referências.....	15
SEÇÃO I.....	16
ADOLESCÊNCIA E AS VICISSITUDES IDENTIFICATÓRIAS.....	16
Introdução.....	17
Acerca da constituição identitária na adolescência.....	21
Considerações finais.....	29
Referências.....	32
SEÇÃO II.....	36
UMA ESCUTA AO PAI ADOLESCENTE: CONHECENDO SUAS ESPECIFICIDADES.....	36
Introdução.....	37
Método.....	41
Resultados e Discussão.....	45
Considerações finais.....	63
Referências.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO.....	73
ANEXOS.....	75
ANEXO A.....	76
Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.....	76
ANEXO B.....	78
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	78
ANEXO C.....	80
Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos.....	80

LISTA GERAL DE TABELAS

Tabela 1. Sumarização dos dados obtidos dos participantes nas entrevistas.....	42
Tabela 2. Categorização inicial, intermediária e final dos dados obtidos nas entrevistas com os dez participantes do estudo.....	43

INTRODUÇÃO GERAL

Esta dissertação de mestrado, intitulada *Um olhar sobre a paternidade adolescente: especificidades de uma vivência*, foi desenvolvida no Grupo de Pesquisas “Fundamentos e Intervenções em Psicanálise”, coordenado pela professora Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo. Este Grupo de Pesquisa está vinculado à área de concentração denominada “Constructos Teóricos, Modalidades de Avaliação e Intervenção na Construção do Conhecimento em Psicologia Clínica” do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). O presente estudo está inserido no projeto guarda-chuva “Metapsicologia Psicanalítica: Conceitos e Aplicações”, tendo como objetivo identificar como o adolescente do sexo masculino percebe e vivencia sua experiência de paternidade na adolescência.

A adolescência constitui-se como um momento do ciclo vital, por excelência, de transição. Vivem-se intensas transformações físicas, psíquicas e sociais. O corpo já demarca essa passagem, ainda sem contorno definido, deixando de lado as bochechas infantis, buscando assumir uma configuração adulta. Experimenta-se o surgimento dos seios, as constantes alterações de voz, o aparecimento dos pêlos e fios soltos de bigode e barba, as espinhas e as flutuações hormonais de um corpo em trajeto (Aberastury & Knobel, 1981).

Ainda precisam os jovens lidar com os aspectos psíquicos que ficaram adormecidos durante o período de latência: a busca do prazer genital e a elaboração da questão edípica. Se agora há condições biológicas da realização do incesto, torna-se imperativo abandonar o objeto de desejo interdito, viabilizando, assim, o investimento pulsional em outros objetos (Pinheiro, 2001).

O discurso social do adolescente passa a não ter eco nas brincadeiras infantis e tampouco nas modalidades de inserção próprias do mundo adulto, necessitando, assim, de um grupo de iguais no qual possa ser reconhecido coletivamente, abrandando o sentimento de solidão real que o acomete. O adolescente, pela falta de lugar social definido, sofre por não ter um espaço para falar. Nesse contexto o pai adolescente encontra-se em uma posição de duplo silêncio: ele pouco fala e é pouco falado sobre ele. Comparativamente à maternidade na adolescência, o número de produções científicas acerca da vivência de ser pai adolescente é escassa, necessitando de pesquisas que consigam direcionar um olhar para esse sujeito não apenas como aquele que serve de suporte à companheira, mas em suas especificidades, sentimentos e pensamentos próprios.

Uma das tarefas primordiais da adolescência, segundo Macedo, Azevedo e Castan (2010), “é, por meio da revivência de situações passadas, possibilitar condições para um trabalho de reestruturação psíquica, ou seja, a reconquista da estabilidade do ego e a reorganização das pulsões, acomodando tanto as modificações físicas quanto as psíquicas em uma nova configuração identitária” (p. 19). Sabe-se que tanto a vivência adolescente quanto a construção da paternidade se dá a partir das relações do sujeito com as figuras de apego primordiais e em função de um percurso identificatório. Ser pai na adolescência sobrepõe estas duas experiências do percurso identitário.

Na intenção de refletir sobre aspectos inerentes a este contexto de paternidade na adolescência, a Psicanálise emerge como fundamentação teórica privilegiada, já que conforme relembra Gueller e Souza (2008, p.09): “(...) a Psicanálise não dá essas respostas, porque ela é um saber que tem como proposta ensinar a se perguntar. Ela avança teoricamente quando consegue, de modo mais afinado, formular melhor uma pergunta”. Neste sentido, a Psicanálise possibilita a emergência do sujeito a partir de sua fala (Figueiredo & Tenório, 2002).

Essa dissertação se desenvolveu a partir do projeto “Um olhar sobre a paternidade adolescente: especificidades de uma vivência”, submetido à apreciação e aprovação da Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS e do Comitê de Ética e Pesquisa da PUCRS, tendo sido aprovado no dia 08 de outubro de 2010 (Anexo A). Com base no referido projeto, foram elaboradas duas seções de estudo sobre o tema, de acordo com a Resolução nº002/2007 de 06/11/2001 do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS. A primeira delas é de cunho teórico, intitulada *Adolescência e as vicissitudes identificatórias*; e a segunda sessão, de cunho empírico, foi intitulada *Uma escuta ao pai adolescente: conhecendo suas especificidades*.

A seção teórica teve como objetivo, a partir de uma revisão da literatura, abordar os pressupostos psicanalíticos para a compreensão das vivências psíquicas da adolescência. Já a seção empírica corresponde ao projeto por meio da realização de um estudo empírico que teve como objetivo identificar como o adolescente do sexo masculino percebe e vivencia sua experiência de paternidade, identificando desta forma suas expectativas e temores em relação ao tornar-se pai. Para tanto, optou-se pelos pressupostos metodológicos qualitativos, tendo sido entrevistados cinco adolescentes do sexo masculino, com idades entre 12 e 18 anos, cujas parceiras estavam no terceiro trimestre de gravidez. Os dados obtidos foram analisados e discutidos por meio da Análise de Conteúdo de Bardin (1991) na proposta de Moraes (1999). Para interpretação dos achados, lançou-se mão do referencial psicanalítico.

As seções de estudo que compõem essa dissertação de mestrado possibilitam, do ponto de vista teórico e empírico, uma leitura aprofundada sobre esse jovem pai que entra em contato com uma realidade essencial, que não pode mais negar ou adiar. É necessário dar conta de que “é um indivíduo, separado de seus pais, e que deverá encontrar-se consigo mesmo, com todas as dificuldades, turbulências e satisfações que essa busca determina” (Cassorla, 1998, p. 14). A paternidade na adolescência remete à constatação do incremento de demandas próprias do processo de ressignificação e de autoconhecimento uma vez que se sobrepõem, a partir dela, aos questionamentos próprios da adolescência, os efeitos e exigências de importantes questionamentos quanto à identidade e futuro de um sujeito. Constata-se a possibilidade de que, por meio de uma situação de escuta e de estímulo a nomeação de temores e expectativas, o adolescente venha a construir sentidos singulares que lhes dêem recursos de enfrentamento e de saúde psíquica para vivenciar a sobreposição de conflitivas adolescentes a exigências próprias da paternidade.

Referências

- Aberastury, A., Knobel, M. (1981). *Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artmed.
- Bardin, L. (1991). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Cassorla, R. M. S. (1998). Prefácio. In D. L. Levisky (org). *Adolescência: pelos caminhos da violência: a psicanálise na prática social*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Figueiredo, A. C., Tenório, F. (2002). O diagnóstico em psiquiatria e psicanálise. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 1, p. 29-43.
- Gueller, A. S., Souza, A. S. L. (org.) (2008). *Psicanálise com crianças: perspectivas teórico-clínicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Macedo, M. M. K., Azevedo, B. H., Castan, J. U. (2010). Adolescência e Psicanálise. In M. M. K. Macedo (org.). *Adolescência e Psicanálise: Intersecções possíveis*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Moraes, R. (1999). Análise de Conteúdo. *Educação*, vol. 37, n. 22, p. 7-32.
- Pinheiro, T. (2001). Narcisismo, sexualidade e morte. In M. R. Cardoso. *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Rio de Janeiro: NAU.

SEÇÃO I

ADOLESCÊNCIA E AS VICISSITUDES IDENTIFICATÓRIAS

Introdução

Em Platão (n.d./2002) já apareciam relatos sobre a juventude, entretanto, o conceito de adolescência só emerge a partir do século XIX. Conforme Delaroche (2008), tanto na Grécia Antiga, com o recrutamento militar (efebia) e os ritos matrimoniais; quanto em Roma, com a tomada da toga viril, aos 17 anos, e a peregrinação ao Capitólio; a passagem para a puberdade era realizada por ritos definidos. Sabe-se que rituais semelhantes, com a função de transposição para a vida adulta também permeavam a maioria das sociedades primitivas (Levisky, 2004) e ainda hoje permeiam muitas sociedades tribais (Pereira, 2005).

Até o século XVIII a adolescência nem sequer possuía uma denominação específica e tampouco era considerada à parte da infância (Ariès, 1981), já que esse tempo não era socialmente necessário. Na transição para a Idade Moderna, com o crescimento das cidades e a perda da unidade dos grupos sociais locais (feudos), o homem passa do status de servo para o de homem livre, dicotomizando os espaços públicos e privados, fazendo emergir a noção de indivíduo. O Iluminismo e as teorias educacionais propostas por pensadores como Rousseau (1966/1999) difundiram o debate sobre o homem em formação e os cuidados necessários para se evitar os perigos do ambiente sobre o desenvolvimento do cidadão. Nesse contexto, a adolescência passa a ser descrita como um momento de crise, no qual ocorre o segundo nascimento do ser humano, pela “emergência das paixões e do sexo” (Rousseau, 1966/1999, p. 272). Assim, ao longo do século XIX, a concepção de periodização das idades da vida se consolida, em especial, a partir da escolarização, da primeira comunhão e do serviço militar. Tal entendimento viabilizou a ausência dos cerimoniais sociais que antes cumpriam a função de ritualizar a passagem entre o universo infantil e o mundo adulto (Matheus, 2007). Somente na medida em que se ausentaram esses aparelhos simbólicos sociais tornou-se imperativo o seu desenvolvimento interior, constituindo o processo adolescente que conhecemos hoje (Gutierra, 2003). Segundo Dolto (2004), a não existência atual dos ritos gera uma dificuldade

aos jovens, pois eles permitiam uma transição clara de dois lugares definidos. Na ausência destes, predomina um contexto de indefinição e insegurança, tanto no que diz respeito a critérios para a transição, quanto para a definição de adultez.

Chega-se assim, ao século XX, no qual a adolescência passa a caracterizar os desejos e sonhos dos indivíduos, buscando-se prolongar esse período de vida, encurtando a infância e adiando a maturidade (Ariès, 1981). Emerge o culto social da adolescência uma vez que, segundo Gutierrez (2003), o adolescente realiza o desejo inconsciente dessa sociedade, que busca um prazer pleno, com a ilusória suspensão dos limites aos quais os adultos se submeteram.

O período adolescente de ilusória liberdade é denominado por Erikson (1968/2008) de moratória. Calligaris (2000), retomando esse conceito, considera que nesse momento, apesar de o adolescente estar organicamente pronto para assumir seu lugar social no mundo dos adultos (tanto como força de trabalho, quanto sexualmente), ainda lhe é exigido que se mantenha em um lugar de amparo social. A contradição se faz ainda mais presente quando a demanda social é de conquista de independência e autonomia, apesar de não se permitir que o adolescente os exerça, exigindo-lhe ainda que estes sejam os melhores anos de sua vida.

Neste cenário paradoxal, sendo frustrado pela moratória imposta, recebe a ordem da idealização social de que seja feliz. Se essa adolescência é quimérica para todos, “ele só pode ter a delicadeza de ser feliz ou, no mínimo, fazer barulhentemente de conta” (Calligaris, 2000, p. 18). Nesse sentido, o adolescente já perdeu a graça da criança que garantia um suposto amor incondicional e ainda não é reconhecido pelo grupo social como um igual, um adulto (Câmara & Cruz, 2000). O espelho do adolescente é, assim, um espelho vazio, porque tenta enxergar o que supõe que os outros vejam nele, mas não crê que os outros o percebam nem como a criança que já foi e nem como o adulto que ainda não é. Por isto, podem se fazer presentes nesta idade da vida, uma maior fragilidade de autoestima, graves situações de

depressão e, até mesmo a ocorrência de suicídios. A insegurança se torna, assim, o traço próprio da adolescência (Calligaris, 2000). Tal fragilidade emocional pode ser um entrave ao processo de adolecer tornando necessário um olhar atento às turbulências físicas e psíquicas deste momento.

O adolescente sempre espera finalmente decifrar o que os adultos querem e anseiam dele, decodificando seus desejos inconscientes. Estes anseios alheios muitas vezes são percebidos e atuados pelo adolescente. Contraditoriamente, essa expectativa gera um desencontro intergeracional, já que esse desejo foi reprimido pelo adulto justamente por não ser aceito, e quando o adolescente o decifra e o realiza, pode ser ainda mais recalcado pelo adulto, que passa a questionar e problematizar o comportamento do jovem. Portanto, se nos anos 60 o adolescente tinha como objetivo maior se transformar em adulto, por ser esse o ideal daquela cultura, hoje o ideal do adulto é a adolescência, vista como uma possibilidade de viver gozando de uma felicidade sem ter que dar conta das obrigações concernentes (Calligaris, 2000). Conforme Cassorla (1998), esse contexto caracteriza uma situação curiosa, já que o adolescente

precisa ter, nos adultos, figuras com as quais se identifique, e, ao mesmo tempo, que o façam perceber diferente deles. No entanto, os adultos atuais tendem a viver e a comportarem-se também como adolescentes, perdidos numa confusão similar. Se o jovem deve enfrentar os adultos para diferenciar-se deles, nem isso agora lhe é permitido (p. 17).

Dessa forma, o ideal social que o adolescente percebe é o de fortalecer ainda mais o que é característico dessa adolescência. Ainda assim, há um desejo de ingresso no mundo adulto, mas “entrar no mundo dos adultos – desejado e temido – significa para o adolescente a perda definitiva de sua condição de criança” (Aberastury, 1981, p.13). Essa mudança implica em alterações de relação com os pais e com o mundo, já que sair da condição infantil alude

em ter que elaborar lutos pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância. Knobel (1981) denominou esses conflitos e ambivalências típicas da adolescência como “Síndrome da adolescência normal”, caracterizando como possíveis sintomatologias desse processo: busca de si mesmo e da identidade, tendência grupal, necessidade de intelectualizar e fantasiar frente aos lutos, crises religiosas, deslocalização temporal, evolução sexual manifesta, atitude social reivindicatória, contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, separação progressiva dos pais, constantes flutuações do humor e do estado de ânimo.

Estes estados afetivos flutuantes, com mudanças bruscas de humor, saindo de um entusiasmo com exaltação, para uma tristeza e apatia, são decorrentes, segundo Urribarri (2003), do confronto com as discrepâncias e as incertezas quanto ao futuro. Nesse momento, o adolescente pode isolar-se do mundo, já que esse não corresponde ao imaginado, fechando-se horas no seu quarto ou investindo em objetos que valorizem seu eu, uma vez que esses imaginariamente lhe dão poder fálico (Andreozzi, 2001). Pode haver ainda, segundo Blos (1998), a prevalência de relações “como se”, que são baseadas nas expectativas e idealizações narcísicas e não na realidade. Caracterizam as amizades supervalorizadas e as paixões avassaladoras, que auxiliam, inclusive, no lidar com o sexo oposto, a partir da perda de sua condição de bissexualidade infantil, auxiliando-o em experimentações que vão permitir, mais tarde, o surgimento de relações mais maduras.

A imagem corporal relativamente estabilizada desorganiza-se com as mudanças corporais da puberdade (Jordão, 2008), que proporcionam crescimentos desarmônicos (Urribarri, 2003). Conforme Favilli (2005) há uma analogia entre o nascimento e a adolescência, de forma que, de posse de um novo corpo, a mente, agora já existente, precisará se rearranjar para lidar com essas angústias que insurgem por essas metamorfoses corporais. Logo, o adolescente tem de ir ao encontro de um novo corpo de si mesmo, ao qual, agora, sua

própria mente precisará dar algum sentido. Ele precisa, dessa forma, dar conta da impotência diante das transformações, confortando-se “com aquilo que nunca será, mesmo que deseje” (Macedo, Azevedo & Castan, 2010, p. 22). O ideal do eu da infância de crescer, ser grande e forte, se transforma frente à percepção do corpo real, do envelhecimento e do confronto com a morte (Pinheiro, 2001). Torna-se imperativa a elaboração psíquica destas questões, a partir da busca de uma unidade identitária.

Acerca da constituição identitária na adolescência

A teoria psicanalítica desvela, segundo Levisky (2001), “a existência de estrutura e dinâmica psíquicas constantes e variáveis no adolescente em sua busca de uma identidade adulta” (p. 1). Para o autor a complexidade desse fenômeno intensifica-se pela eclosão da puberdade, com suas transformações corporais e a emergência da capacidade reprodutora, que incidem diretamente sobre o processo identificatório.

Quem sou eu? Essa questão central se repete, de forma mais ou menos consciente, no mundo intrapsíquico do adolescente. Constitui um movimento gerador de uma revisão de seu mundo interno e das experiências infantis para que, a partir das mudanças corporais advindas com a puberdade, possa dar conta das demandas de trabalho psíquico que lhe invadem e impelem à continuidade do desenvolvimento (Macedo, Azevedo & Castan, 2010; Macedo, Fensterseifer & Werlang, 2010).

Durante todo o percurso, esse trabalho psíquico é intenso; o adolescente necessita ressignificar os gestos, as lembranças e as fantasias maternas para se tornar alguém com uma identidade construída agora a partir do reconhecimento mais integrado do si mesmo. De forma semelhante ocorre um processo de identificação e apropriação de características da figura paterna, quando é preciso testemunhar e internalizar as referências que denotam e circulam o espaço subjetivo. Torna-se fundamental constituir-se a partir dessas balizas,

transformando-as em identidade (Corso & Corso, 2011). De acordo com Macedo, Azevedo e Castan (2010) é esse difícil processo de busca de si mesmo que se constitui o elemento condutor na transição da identidade infantil para adulta.

A identidade é definida por Palazzini (2008) como imagem e sentimento. Por um lado ela consiste em uma operação intelectual que abrange existência, pertença e atitude corporal; por outro, a identidade versa sobre um sentimento, enquanto um estado do ser, uma experiência interior que corresponde a um reconhecimento de si que se modifica com o devir.

Em seu texto *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1905/2006) retrata a puberdade como o início das mudanças que levam a vida sexual infantil para a sua configuração definitiva. Na infância existiam pulsões e zonas erógenas distintas, com busca independente de prazer. Na vida sexual adulta há um alvo sexual para o qual as pulsões se convergem, com primazia da zona genital. Na *Conferência XXI – O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais*, Freud (1917/2006) retoma suas proposições anteriores sobre a puberdade, definindo-a como um momento de escolha objetal, consistindo numa etapa final de desenvolvimento sexual após as fases oral, fálica e anal. Na puberdade o jovem se depara com questões e necessárias demandas de elaborações psíquicas que ficaram adormecidas durante o período de latência e agora emergem de forma categórica.

No processo de adolecer está implicada, portanto, a posição que o sujeito ocupou quando criança, enquanto objeto de desejo das figuras parentais, na forma das inscrições que ocorreram mediante a identificação com seus pais e com os ideais destes. A adolescência faz com que o indivíduo se depare com uma situação de reencontro com a perda do objeto de satisfação infantil e com a busca de repetir tal completude anteriormente experimentada. De forma mais ou menos explícita, surgem interrogações acerca dos limites de satisfação nos ideais parentais, já que não há como cumprir uma promessa de totalidade ou de repetição da sensação original infantil. E nesse movimento turbulento, o adolescente passa a questionar a

sociedade, a escola, os valores, deparando-se com o seu vazio existencial. No entanto, o processo também possibilita, conforme Andreozzi (2001), a reinscrição de sua posição de filiação, elegendo pontos para repousar seu movimento e dirigir sua trajetória.

Considerando que a criança experimenta uma sensação de completude com a mãe, ela acredita que possa satisfazê-la de maneira plena, não necessitando de outros e não havendo, assim, nessa modalidade de funcionamento psíquico, espaço para o registro da falta. O ego consiste no seu próprio ideal, ou seja, ego e ideal coincidem. A experiência edípica, no entanto, insere a criança no registro da castração, marcando as diferenças para além das condições anatômicas. A criança percebe, então, que existe um desejo materno em relação a um terceiro o qual remete ao campo de desejo da mãe do qual a criança não participa, é excluída. Essa experiência vital de exclusão e castração possibilita ao ego a aquisição de ideais. A vivência de não satisfação completa em relação a figura materna leva a criança a buscar reproduções dessa situação antes experimentada, abrindo-se a perspectiva de um tempo futuro, por isso pode-se afirmar que “a decepção edípica faz com que, a partir de uma ferida narcísica, o ideal não mais coincida com o eu” (Macedo, Azevedo & Castan, 2010, p. 24). Já que o eu não equivale mais ao ideal, o sujeito pode ter projetos, investidos narcisicamente que viabilizam desta forma sua capacidade de investimento no devir.

A partir do Complexo de Édipo, com a aceitação do interdito do incesto e reconhecimento da imaturidade para a sexualidade genital, emerge o período de latência, quando o investimento sexual incestuoso é desviado para outras formas de investimento libidinal. Essa dinâmica está sustentada nas concepções freudianas a respeito da sublimação enquanto modalidade de investimento pulsional baseada no desvio das pulsões sexuais para outras finalidades/metast (Freud, 1905/2006). Dessa forma, “a latência adia o que certamente um dia deve retornar: a busca do prazer genital e a ultrapassagem da questão edípica” (Pinheiro, 2001, p. 71). Esse retorno se dá na adolescência, com a volta da questão edípica e o

fervor da sexualidade genital, quando se torna imperioso o abandono do objeto de desejo interdito, viabilizando o investimento em outros objetos. Esse objeto abandonado, a partir do qual os outros objetos de investimento se derivam, constitui o primeiro objeto que inventou narcisicamente o sujeito, dando-lhe a garantia de um amor incondicional. Diante de uma relação assim, Pinheiro (2001) pontua a dificuldade de separação desse objeto, já que nenhum outro lhe proporcionará a certeza de um amor incondicional.

A questão central da adolescência, deste modo, é a própria da castração, enquanto experiência estruturante, resultante do Édipo, que resulta na inserção do sujeito no registro do desejo e, conseqüentemente, na falta, saindo da ilusão de autosuficiência. Diante da castração pode emergir a defesa narcísica, de forma a homogeneizar, transformar o estranho em familiar, cobrindo vazios e eliminando as faltas. Conforme Pinheiro (2001), às vezes torna-se necessário passar pela defesa narcísica, da onipotência, para conseguir um dia aceitar a castração. Tal defesa, que tende à homogeneização, propicia, ainda, o estabelecimento do grupo de iguais, quando a uniformidade, enquanto um lugar identificatório, permite a posterior individualização adulta (Knobel, 1981).

Nesse contexto, Levisky (2002) pontua que a resolução dos conflitos edípicos e pré-edípicos que emergem na adolescência pode evoluir para regressões, fixação, transformações, incorporando-se ou não como partes integrantes do self. Dessa forma, alguns evoluem de forma egossintônica, enquanto outros carregam seqüelas depressivas, neuróticas, psicóticas ou psicopáticas, que podem ser identificadas através dos resíduos sintomáticos e comportamentais, que muitas vezes são expressos sob a forma de acting out. O indivíduo precisa lidar, portanto, com esse segundo momento do processo de separação-individuação, já que mais do que o aparecimento de novas questões, há o retorno de antigas que estavam submersas (Blos, 1998).

Considera-se a separação e a individuação como dois processos estruturais diferentes e complementares, segundo Mahler (1982). O primeiro refere-se à saída da criança da fusão simbiótica com a figura materna, de forma que adquira intrapsiquicamente o sentido de desligamento da mãe e do mundo em geral, passando a ter o sentimento de ser um indivíduo separado. O segundo alude à evolução da autonomia psíquica, quando a criança passa a assumir suas características individuais, o que gera o nascimento psicológico do indivíduo. O processo de separação-indivuação divide-se em três etapas. A primeira inicia-se a partir do quarto ou quinto mês de vida. A segunda fase, conforme já citado, ocorre na adolescência, com a reedição do Complexo de Édipo e a revivência das relações primitivas do jovem com seus pais. Se na infância, o desligamento da mãe dá-se no âmbito físico, a partir da internalização da imagem dessa figura materna; na adolescência advém o desligamento desses objetos internalizados para que o indivíduo possa descobrir outros objetos a serem amados ou odiados, formando o seu próprio grupo familiar. A terceira etapa, segundo Colarusso (1990), dá-se quando o adulto jovem depara-se com a solidão intersíquica normativa por não poder mais apoiar-se nos pais para orientação, manutenção e direção, já que houve uma modificação e um enfraquecimento de suas representações intrapsíquicas. Essa solidão leva o jovem ao estabelecimento de uma nova família, de forma que o vínculo objetal com o próprio filho e o contínuo envolvimento com o cônjuge favorecem maior elaboração do self e diferenciação objetal. A parentalidade, como essência dessa terceira fase, permite a reelaboração de temas e relações infantis, já que como pais, os adultos reeditam com o filho a situação de intimidade que tiveram com seus próprios pais na infância, aproximando e diferenciando-se destes (Levandowski, Piccinini & Lopes, 2009).

Apesar desse esquema teórico de separação-indivuação, Matheus (2008) pontua que assim como o resto infantil, que persiste em se fazer presente nas repetições do recalcado, “cada sujeito nunca chega a se desprender do todo de suas figuras de autoridade, assim como

não lhe é possível alcançar um sentido pleno para a estranheza que o invade pelos poros ou pelo dissonante olhar alheio” (p. 623). Nesse sentido, Andreozzi (2001) ressalva que, independente da idade do sujeito, ao ser remetido a rever suas escolhas, é também remetido, de algum modo, ao tempo adolescente, quando reescreveu sua origem ao escolher uma direção de percurso.

Para que se consiga efetuar esse afastamento imprescindível pode ser necessário que o adolescente desvalorize a imagem desses objetos edípicos, tirando-os do lugar de ídolos da infância, para o encontro de novos objetos fora da família, o que constitui uma das perdas mais significativas desse momento. Sair dessa posição idolatrada é igualmente difícil para os pais, que também começam a se sentir mais velhos, submetendo-se a duas perdas acopladas (Pinheiro, 2001). Conforme Cassorla (1998), o adolescente pode amar seus pais e se identificar de forma sadia com eles, sentindo-se forte para enfrentar a vida, a partir das vivências e experiências partilhadas. Mas, da mesma forma, pode invejar esses pais, que em sua fantasia continuam sendo mais fortes e capazes; e impossíveis de sobrepujar. De forma semelhante, os pais podem sentir concomitantemente estimulados a viver a própria vida por orgulho do filho enquanto produto do seu amor; mas também podem sentir a inveja de que o filho viva melhor a vida, a partir do que lhes foi roubado.

Conforme Hornstein (2008), se o desenvolvimento sexual terminasse com a fase edípica, significaria que somente as experiências dos primeiros anos de vida seriam decisivas para a vida em sociedade. Dessa forma, a história ocorreria sempre de forma cíclica, com cada geração reproduzindo novamente a experiência dos pais. Entretanto, a emergência da puberdade flexibiliza as estruturas psíquicas previamente consolidadas no seio da família, viabilizando, assim, uma reestruturação da subjetividade, não sendo restrita somente às injunções dos pais. É chegado o momento de revisar as soluções encontradas durante a infância, possibilitando novas formas de identificação e aquisição de novos objetos. Ao

viabilizar o processo de subjetivação, Marin (2009) destaca que a experiência adolescente caracteriza-se como um “tempo de buscar-se a si próprio em novas relações, recuperar amores perdidos, fundar-se num corpo que foi amado e que poderá amar, que foi gerado e poderá gerar, enfim, entrar para a realidade social, simbólica, com nome próprio” (p. xxxv-xxxvi). Consiste, portanto, no momento de romper com o ideal narcísico dos pais, constituindo a possibilidade de um ideal de Eu, para além de suas determinações.

Tal decaetia progressiva das figuras parentais também gera no jovem um sentimento de insegurança, já que o ego fica empobrecido pela falta de orientações superegóicas. Estas são mobilizadas pelo enfraquecimento dos representantes da autoridade parental. Nesse momento, a dúvida emerge mesmo frente a decisões simples, o que reflete a carência de orientações básicas. O adolescente, dessa forma, “perde a ideia ilusória de proteção plena, absoluta, sentida anteriormente ao lado dos pais, que deixam de ser tão temíveis e poderosos” (Macedo, Azevedo & Castan, 2010, p. 33). O superego, conforme cita Macedo, Dockhorn e Iensen (2010), nesse momento da adolescência, precisa sair do lugar de sustentação pela voz dos pais e seus substitutos para se tornar mais abstrato e encarnado não mais em pessoas, mas em regulações sociais organizadas pela lei.

Para que essa transição narcísica ocorra adequadamente, Savietto e Cardoso (2006) enfatizam a necessidade do suporte parental. É necessário um remanejamento do referencial identificatório, de forma que é a manutenção do apoio das primeiras figuras objetais que assegura a continuidade do ser. Torna-se necessária a identificação secundária, com a construção de outros modelos, que não os parentais. Mas esse investimento libidinal só se torna viável a partir do processo de desamarrear-se do passado e do presente, admitindo transformações, dúvidas e a existência de falhas no sujeito. É necessário, ainda, segundo Macedo, Fensterseifer e Werlang (2010) que o adolescente tenha tido vivências efetivas de *ter*

pais para que possa *ser* sujeito, construindo o que lhe é próprio e acessando as prerrogativas de adulez para as novas fontes de prazer, saindo da frágil onipotência infantil.

Em sua busca pelo autoconhecimento, o jovem pode adotar identidades passageiras, enquanto ensaios e descobertas, mostrando-se diferente nos vários contextos, estando de uma forma junto à família e de outra na companhia dos iguais. A identidade vai adquirindo forma mais definitiva na medida em que o sujeito é capaz de integrar seu passado com suas experiências atuais, projetando-se no futuro, a partir de uma ideia de continuidade. Isso permite uma mudança qualitativa nos investimentos afetivos, de modo que o adolescente passa a ser capaz de relacionamentos mais estáveis e autênticos, entrando no tema da alteridade (Macedo, Azevedo & Castan, 2010).

Há, portanto, uma difícil elaboração psíquica da falta de lugar do adolescente, já que ele está em um processo, não fazendo parte nem do grupo infantil nem da sociedade adulta que tanto almeja e teme simultaneamente, vivendo um momento de crise psíquica. Esse termo não se refere especificamente a algo de cunho negativo, mas “a um conjunto de vivências impregnadas de incertezas e dificuldades” (Macedo, Azevedo & Castan, 2010, p. 18). Esse processo, segundo Mezan (2002) afeta o conjunto da vida psíquica do sujeito tanto na área da auto-imagem quanto das relações. Quando a esse processo, sobrepõem-se outras demandas – tais como violência intra e intersubjetiva (Serpa, 2010; Souza Neto & Centolanza, 2010), maternidade e paternidade na adolescência (Frizzo, Kahl & Oliveira, 2005), uso de drogas (Pratta & Santos, 2009), presença de doenças crônicas (Kohlsdorf, 2010; Ribeiro, Paula, Neves & Padoin, 2010) ou a somatização de conflitos psíquicos nos distúrbios alimentares (Carvalho, Amaral & Ferreira, 2009) e nas automutilações (Moreira & Gonçalves, 2010) – emerge a questão: “Será que esse adolescente terá os recursos necessários de enfrentamento e elaboração?”

Segundo Lerner (2008) estas interferências guardam relação com a ideia de trauma. Podem ser traumáticas por dificultar ao indivíduo a conquista da questão inicial: “Quem eu sou?” Frente a esse somatório de crises de tamanha intensidade psíquica, Macedo, Dockhorn e Iensen (2010) corroboram que se estabelece um cenário traumático que pode levar o adolescente a diferentes formas e intensidades de padecimento psíquico. O indivíduo que passou por vivências de amparo e apego adequados tenderão a ter mais recursos psíquicos de enfrentamento do que aqueles que viveram submersos no desamparo e no desapego (Lerner, 2008).

Mais do que lidar com o que se perde, durante a adolescência torna-se necessário a condição de se apropriar do que se ganha, estabelecendo-se assim uma singularidade do processo de adolecer. Como herdeiro da adolescência, como diria Blos (1998), emerge o Eu, enquanto estrutura que viabiliza uma noção de si mais estável e integrada. Isso só é possível a partir do trabalho psíquico de síntese, apropriação e elaboração das vivências subjetivas, o que possibilita uma diferenciação mais clara entre o eu e os outros. Com a personalidade mais estável e com a aquisição de novos recursos psíquicos, tornam-se viáveis novos investimentos, como a vida laborativa, as escolhas de objetos menos modelados narcisicamente e um reencontro com as figuras parentais, agora por uma nova perspectiva subjetiva (Macedo, Azevedo & Castan, 2010).

Assim, “no final do processo adolescente, o jovem precisa criar dentro de si um plano de futuro a seguir, uma imagem, mais ou menos estruturada, do tipo de vida que deseja ter, para então buscá-la” (Macedo, Azevedo & Castan, 2010, p. 48). Consiste, portanto, a adolescência em um período de definições, que implica em mudanças expressivas na vida, direcionando esse sujeito rumo à adultez.

Considerações Finais

A adolescência constitui-se em um momento de intensas vivências psíquicas e sociais. Já existe a marcação de inscrições delineadas anteriormente, na infância, que edificaram um estilo de constituição e funcionamento psíquicos, de forma que essas inscrições originais passam a se articular, produzindo condições estruturantes da existência de movimentos psíquicos que possibilitam a vivência do sujeito (Andreozzi, 2001).

Por ser um importante tempo de transição psíquica, constitutivo, já que promove composições e rearranjos libidinais, fantasmáticos, identificatórios e vinculares (Palazzini, 2008), Favilli (2005) enfatiza que nada mais resta ao adolescente a não ser enfrentar o desafio da adolescência. Como pontua Levisky (2002), a qualidade e intensidade dos re-investimentos, contra-investimentos e movimentos realizados durante a adolescência, implicam na formação da subjetividade, da singularidade e da autonomia do sujeito. Nessa busca da identidade adulta, “o sujeito poderá evoluir para um equilíbrio entre suas diferentes partes, com atenuação e/ou autonomia frente aos aspectos primitivos, narcísicos, libidinais pré-genitais, reprimindo-os, ou incorporando-os ao self” (p. 2). Se há falhas neste processo, podem predominar aspectos regressivos ou mal organizados, dificultando as relações consigo mesmo e com os outros, gerando intenso sofrimento psíquico.

Os contos infantis constantemente relembram a saída e o retorno à própria casa, pois, assim como na metáfora do processo de constituição identitária apresentada como uma trajetória deliciosa (como a casa de chocolate de João e Maria), pode ser simultaneamente dolorosa (como o enfrentamento da prisão e da bruxa, na mesma história infantil). Logo, constitui-se como tarefa primordial da adolescência e como cerne do desenvolvimento da narrativa da vida do indivíduo a possibilidade de, a partir dos investimentos endogâmicos, construir o acesso aos investimentos exogâmicos. Conforme Lerner (2008), esse caminho de busca pela independência individual, até o momento de se sentir autônomo e singular, nunca

erá totalmente completado, uma vez que o que realmente existe é uma independência relativa, na medida em que o alcançar da individualidade e do “eu sou” sempre exige um contexto de interdependência. É só a partir da dinâmica intersubjetiva, composta pela presença do outro, segundo afirma o autor, que o sujeito poderá sentir-se ele mesmo.

Para o adolescente, as propostas de identificação que lhe foram atribuídas passam a constituir um projeto identificatório, apoiado nas coordenadas prévias, o que viabiliza a invenção de novas alternativas de um eu aberto ao devir. Boa parte do trabalho adolescente consiste nessa junção de desprendimentos e buscas (Sternbach, 2008). Imerso nessa tarefa de ressignificação, a partir do jogo entre a dimensão narcisista e a relacional, o adolescente mostra-se movido por ideais, ilusões e fantasias que emergem como propriedade de um eu que começa a construir o seu próprio projeto identificatório (Palazzini, 2008).

Dessa forma, como em todas as etapas do desenvolvimento psíquico do sujeito, a adolescência precisa ser tomada como objeto de estudo e reflexão, para que se amplie o olhar acerca da complexidade e especificidades próprias desse momento de transição. Tal cuidado com o período adolescente viabiliza a proposição de adequadas condições de escuta e de auxílio frente a adversidades que possam surgir no enfrentamento com as demandas desse momento importante da vida. Trata-se de não patologizar a adolescência, porém tampouco descuidar da necessária atenção considerando que nela podem ser incrementadas as fragilidades psíquicas de um sujeito que está no auge de um processo de ressignificação do si mesmo.

Referências

- Aberastury, A. (1981). O adolescente e a liberdade. In A. Aberastury, M. Knobel. *Adolescência Normal: Um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Andreozzi, M. L. (2001). Tempo adolescente como oscilação pendular na constituição do sujeito. *Psychê*, ano V, n. 8, p. 19-35.
- Ariès, P. (1981). *História Social da Criança e da Família*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: LTC.
- Blos, P. (1998). *Adolescência: uma interpretação psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Calligaris, C. (2000). *A Adolescência*. Col. Folha Explica. São Paulo: PubliFolha.
- Câmara, M. M., Cruz, A. R. (2000). Adolescência prolongada: o tempo que não se quer deixar passar. *Educar em Revista*, n. 15. Disponível em: http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_15/camara_cruz.pdf, acessado em 05 de junho de 2011.
- Carvalho, R. S., Amaral, A. C. S., Ferreira, M. E. C. (2009). Transtornos alimentares e imagem corporal na adolescência: uma análise da produção científica em psicologia. *Psicologia: Teoria e Prática*, vol. 11, n. 3, p. 200-223.
- Cassorla, R. M. S. (1998). Prefácio. Em: D. L. Levisky (org). *Adolescência: pelos caminhos da violência: a psicanálise na prática social*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Colarusso, C. A. (1990). The third individuation: The effect of biological parenthood on separation-individuation processes in adulthood. *Psychoanalytical Study of the Child*, vol. 45, p. 179-194.
- Corso, D. L., Corso, M. (2011). *A Psicanálise na Terra do Nunca: ensaios sobre a fantasia*. Porto Alegre: Penso.
- Delaroche, P. (2008). *Psicanálise do adolescente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Dolto, F. (2004). *A causa dos Adolescentes*. Aparecida – SP: Idéias e Letras.
- Erikson, E. H. (1968/2008). *Gioventù e crisi d'identità*. Roma: Armando Editore.
- Favilli, M. P. (2005). O agir criativo: o adolescente que se faz adulto. *Anais do 1º Simpósio Internacional do Adolescente*. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000100012&script=sci_arttext, acessado em 10 de junho de 2011.
- Freud, S. (1905/2006). Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade. In I. Strachey (Ed. E Trad.). *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, p. 119-231). Rio de Janeiro: Imago.

- Freud, S. (1917/2006). Conferência XXI – O Desenvolvimento da Libido e As Organizações Sexuais. In I. Strachey (Ed. E Trad.). *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 16, p. 325-342). Rio de Janeiro: Imago.
- Frizzo, G. B., Kahl, M. L. F., Oliveira, E. A. F. (2005). Aspectos psicológicos da gravidez na adolescência. *Psico*, v. 36, n. 1, p. 13-20.
- Gutierra, B. C. C. (2003). *Adolescência, Psicanálise e Educação: O Mestre Possível de Adolescentes*. São Paulo: AVERCAMP.
- Hornstein, M. C. R. (2008). Prólogo. In M. C. R. Hornstein. *Adolescências: trayectorias turbulentas*. Buenos Aires: Paidós.
- Jordão, A. B. (2008). Vínculos familiares na adolescência: nuances e vicissitudes na clínica psicanalítica com adolescentes. *Aletheia*, vol. 27, n. 1, p. 157-172.
- Knobel, M. (1981). A síndrome da adolescência normal. In A. Aberastury, M. Knobel. *Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artmed.
- Kohlsdorf, M. (2010). Aspectos psicossociais no câncer pediátrico: estudo sobre literatura brasileira publicada entre 2000 e 2009. *Psicologia em Revista*, v. 16, n. 2, p. 271-294.
- Lerner, H. (2008). Adolescência, trauma, identidade. In M. C. R. Hornstein. *Adolescências: trayectorias turbulentas*. Buenos Aires: Paidós.
- Levandowski, D. C., Piccinini, C. A., Lopes, R. C. S. (2009). O processo de Separação-Individuação em Adolescentes do Sexo Masculino na Transição para a Paternidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol. 22, n 3, p. 353-361.
- Levisky, D. L. (2001). *Uma análise histórico-psicanalítica da transição infanto-juvenil na Idade Média: um projeto de estudo*. Apresentado no IV Congresso de Psicanálise das Configurações Vinculares e III Encontro Paulista de Psiquiatria e Saúde Mental. Serra Negra – SP. Disponível em: <http://www.davidleovisky.com/artigos/Uma%20an%20hist%20psicanal%20da%20transi%20infanto-juvenil%20na%20Idade%20M%20dia%20um%20projeto%20de%20estudo-NESMEsegunda%20vers%20.pdf>, acessado em 23 de junho de 2011.
- Levisky, D. L. (2002). *A clínica em Psicoterapia Psicanalítica*. Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica. Instituto de Psicologia – USP. Disponível em: <http://www.davidleovisky.com/artigos/O%20adolescente%20no%20adulto.pdf>, acessado em 23 de junho de 2011.

- Levisky, D. L. (2004). Adolescência: Psicanálise e História. In R. B. Graña, A. B. S. Piva (org.). *A atualidade da Psicanálise de adolescentes: Formas do mal-estar na juventude contemporânea*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Macedo, M. M. K., Azevedo, B. H., Castan, J. U. (2010). Adolescência e Psicanálise. In M. M. K. Macedo (org.). *Adolescência e Psicanálise: Intersecções Possíveis*, p. 15-54. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Macedo, M. M. K., Dockhorn, C. N. B. F., Iensen, S. A. L. (2010). A questão do padecimento na clínica psicanalítica com adolescentes. In M. M. K. Macedo (org.). *Adolescência e Psicanálise: Intersecções Possíveis*, p. 91-109. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Macedo, M. M. K., Fensterseifer, L., Werlang, B. S. G. (2010). Ressignificações no processo adolescente. In M. M. K. Macedo (org.). *Adolescência e Psicanálise: Intersecções Possíveis*, p. 55-71. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Mahler, M. (1982). *O processo de separação-individuação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Marin, I. da S. K. (2009). A clínica institucional da adolescência (Entre o aborrescente e o herói: quem é o adolescente na escuta psicanalítica?). *Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade*, vol. 1, n. 1, p. xxxii-xlii.
- Matheus, T. C. (2007). *Adolescência*. Col. Clínica Psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Matheus, T. C. (2008). Quando a adolescência não depende da puberdade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 11, n. 4, p. 616-625.
- Mezan, R. (2002). *Interfaces da Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Moreira, N. A. C., Gonçalves, R. A. (2010). Perturbação mental e ideação suicida entre reclusos preventivos. *Análise Psicológica*, vol.1, n. XXVIII, p. 133-148.
- Palazzini, L. (2008). Movilidad, encierros, errancias: avatares Del devenir adolescente. In M. C. R. Hornstein. *Adolescencias: Trayectorias Turbulentas*. Buenos Aires: Paidós.
- Pereira, A. C. A. (2005). *O Adolescente em Desenvolvimento*. São Paulo: Harbra.
- Pinheiro, T. (2001). Narcisismo, sexualidade e morte. In M. R. Cardoso. *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Rio de Janeiro: NAU.
- Platão. (n.d./2002). *Diálogos*. Curitiba: Hemus.
- Pratta, E. M. M., Santos, M. A. (2009). Uso de drogas na família e avaliação do relacionamento com os pais segundo adolescentes do ensino médio. *Psico*, vol. 40, n. 1, p. 32-41.
- Ribeiro, A. C., Paula, C. C., Neves, E. T., Padoin, S. M. M. (2010). Perfil clínico de adolescentes que tem AIDS. *Cogitare Enfermagem*, vol. 15, n. 2, p. 256-62.

- Rousseau, J. J. (1966/1999). *Emílio, ou, da Educação*. São Paulo: Martins Fontes.
- Saviato, B. B., Cardoso, M. R. (2006). Adolescência: ato e atualidade. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, v. VI, n. 1, p. 15-43.
- Serpa, M. G. (2010). Primeiras experiências de exploração sexual: um estudo sobre o processo de aproximação de adolescentes a essa realidade. *Psico*, v. 41, n. 1, p. 32-39.
- Souza Neto, J. C., Centolanza, C. A. (2010). Da prática do desvio ao protagonismo. *Psico*, v. 41, n. 1, p. 128-136.
- Sternbach, S. (2008). Adolescencias: tiempo y cuerpo em la cultura actual. In M. C. R.Hornstein. *Adolescencias: trayectorias turbulentas*. Buenos Aires: Paidós.
- Urribarri, R. (2003). Sobre adolescência, luto e a posteriori. -*Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, vol. X, n. 1.

SEÇÃO II
UMA ESCUTA AO PAI ADOLESCENTE:
CONHECENDO SUAS ESPECIFICIDADES

Introdução

A adolescência tem se constituído como foco de intenso interesse, tanto no âmbito da mídia, quanto das políticas públicas, em especial a partir de 1985, ano instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU) como Ano Internacional da Juventude. A partir daí várias iniciativas foram desencadeadas mundialmente com o objetivo de levantar as necessidades dos jovens que constituiriam a geração adulta do próximo milênio. Institucionalizaram-se, assim, as expectativas sociais frente a essa etapa de vida, enquanto destinada prioritariamente aos estudos, de modo a capacitar os jovens para o ingresso em melhores condições no mercado de trabalho (Aquino et al., 2003).

Define-se adolescência, conforme Gama, Szwarcwald e Leal (2002), como uma etapa da vida caracterizada por um processo complexo de desenvolvimento biológico, psicológico e social, com a ampliação do autoconhecimento, e consequente constituição dos sentimentos de autoestima e de questionamento em relação aos valores parentais a fim de que se consiga constituir uma identidade própria. Além disso, os impulsos sexuais granjeiam uma expressão mais efetiva decorrente da maturação física e da percepção da potencialidade de procriação.

É nesse momento que o adolescente se depara com o reaparecimento de questões edípicas, adormecidas durante o período de latência, necessitando afastar-se das figuras parentais, de modo a conseguir elaborar os lutos concernentes à identidade, pais e papel social da infância, para que possa, assim, assumir, de forma ampla o lugar social e psíquico da adultez. Para que isso ocorra o ego necessita, simultaneamente, processar as perdas, assim como investir em novos objetos (Macedo, Azevedo & Castan, 2010).

Nesses processos simultâneos de elaboração psíquica, o amadurecimento pode despertar a vontade de cuidar, como antes foi cuidado, de modo que pode ocorrer a paternidade não somente de um filho, mas dos seus próprios projetos (Orlandi, 2005). Acerca da paternidade, Knobel (1987) e Sarmiento (1999) versam sobre a vinculação de seu exercício a um compromisso evolutivo, entendendo ser a partir da vivência edipiana que um sujeito se constitui como pai. Para Vizzoto (1994), “a paternidade coloca o homem: diante de seus conflitos com a figura paterna internalizada; de sua inveja da capacidade feminina de gerar; diante da transgressão da proibição edipiana” (p. 29). Dessa forma, parte-se do pressuposto de que as soluções edipianas são sempre parciais, de modo que os aspectos primitivos reaparecem em etapas ulteriores, reestruturando o Complexo de Édipo com o nascimento de cada filho, ou de cada neto.

O homem que consegue vivenciar essas primeiras situações conflitivas, ultrapassando-as de forma efetiva, viabiliza que seu ego possa ter a tolerância suficiente para lidar com toda

angústia despertada pelos acontecimentos, internos e externos, suscitados pelo processo gestacional. E dessa forma, consegue oferecer à sua companheira gestante a sustentação emocional para que ela consiga ter a tranquilidade necessária ao trabalho de parto (Salas, 1978).

Segundo Levandowski, Piccinini e Lopes (2009), a parentalidade pode contribuir para que o jovem pai possa “preencher algumas carências afetivas e, com isso, enfrentar os lutos psíquicos da adolescência (...). Nesse sentido, o filho e/ou uma companheira poderiam contribuir para evitar a solidão decorrente do desligamento dos objetos internos na adolescência” (p. 360). Nesse aspecto, tanto a adolescência quanto a paternidade remetem às histórias pessoais dos genitores, possibilitando uma reavaliação das relações, tanto reais como fantasmáticas, com os próprios pais, viabilizando a elaboração do novo papel parental.

Segundo Silva e Solis-Ponton (2004) a parentalidade se constrói a partir do trabalho psíquico sobre a herança recebida dos próprios pais. Em um momento onde o trabalho psíquico fundamental é o de autonomia e individuação, é solicitado ao indivíduo que ele consiga simultaneamente se separar dos pais e trabalhar a herança deles recebida para conseguir transmitir sua própria herança para o filho que está por chegar. Socialmente, há uma tendência de problematização da paternidade na adolescência, a partir da idéia de que

a procriação neste momento é necessariamente indesejável, na medida em que, irremediavelmente, traria consequências prejudiciais à mãe e ao bebê (geralmente, o pai não é referido). A compreensão da gravidez na adolescência como problema ou desvantagem social relaciona-se com a construção da adolescência como um período de preparação para o mundo adulto (Orlandi, 2005, p. 262).

Vários autores contemporâneos, como Corrêa e Ferriani (2006), Rodrigues et al. (2008) e Aquino et al. (2003), vêm questionando esse olhar fixo sobre a questão, sugerindo um aprofundamento nas vivências e sentimentos desses adolescentes para a real compreensão de suas percepções. Se existem inúmeros trabalhos e pesquisas em relação à adolescente grávida, não se pode dizer o mesmo acerca de seu companheiro. Conforme Fonseca (1997) há um escasso material de pesquisas em relação ao pai adolescente.

A possibilidade de parentalidade nessa faixa etária, segundo Levandowski, Antoni, Koller e Piccinini (2002), pode colocar o indivíduo nessa situação de risco, porque exige dele um papel para o qual talvez não esteja social e psicologicamente preparado. Essas exigências de processamento psíquico vindas, tanto externamente como internamente, podem superar, ainda mais, suas ferramentas de enfrentá-las (Macedo, Gobbi & Waschburger, 2010), podendo entrar em uma vivência da ordem do traumático, ou seja, do predomínio de

condições de excesso de demandas psíquicas que o indivíduo não tem capacidade de lidar e metabolizar.

As dificuldades emocionais e financeiras de lidar com essa gravidez são ressaltadas por Gonçalves, Parada e Bertencello (2001) e Schelemberg, Pereira, Grisard e Hallal (2007). Faria (2007) define paternidade enquanto um “comportamento adulto, masculino e que se expressa pelo cuidado” (p. 108), estando intimamente relacionado ao conceito de virilidade e, portanto, à experiência de masculinidade (Orlandi & Toneli, 2008). O que é enfatizado por Menendez et al. (2004) que dizem que o tornar-se pai, para o homem, pode ser considerado um nascimento social. Assim, se o significado de paternidade está profundamente relacionado ao status adulto (Orlandi & Toneli, 2008), o conflito do pai adolescente se exacerba. Como ainda é adolescente talvez não se perceba pronto para assumir essa responsabilidade (Levandowski & Piccinini, 2006), principalmente porque o principal papel socialmente atribuído ao pai é o de ser provedor, sendo que esses papéis sociais de gênero são transmitidos e consolidados desde a infância (Almeida & Hardy, 2007).

Visando aprofundar nessa análise, Levandowski e Piccinini (2002) pesquisaram possíveis diferenças na interação pai-bebê com pais adolescentes e adultos, partindo da hipótese de que os adolescentes poderiam ter mais dificuldades já que eles teriam certa imaturidade cognitiva e um maior nível de estresse situacional. Entretanto essas hipóteses não foram confirmadas, mostrando um nível de qualidade na interação pai-bebê semelhante em pais adultos e adolescentes, principalmente quando estes estão suficientemente apoiados. Essa possibilidade de desempenhar de forma adequada essa função paterna, apesar das dificuldades sobrepujantes da idade foi corroborado por Meincke e Carraro (2009), Cabral (2002a), Toneli, Lodetti, Gomes e Araújo (2009) e por Carvalho, Merighi e Jesus (2009) em suas pesquisas.

Acerca da função paterna, Hoga e Reberte (2009), Orlandi (2005), Witter e Guimarães (2008) e Cauduro e Motta (2007) demonstram uma mudança gradual no papel paterno, de maior envolvimento afetivo com a gravidez e com a companheira, apesar da dificuldade, mostrada por Lyra et al. (1998), de reconhecimento social da possibilidade de assumir um papel paternal ativo. Alguns adolescentes relatam, inclusive, certa satisfação desses adolescentes na gravidez, como um realce à sua masculinidade, principalmente quando nenhuma outra possibilidade de transição para a vida adulta lhe é oferecido, como boa formação educacional ou oportunidades de emprego (Carvalho, Merighi & Jesus, 2009). Portanto, Cabral (2003) mostra que assumir a paternidade para alguns pode representar a consolidação da condição adulta e para outros pode acirrar essa transição.

Esses estereótipos sociais de coadjuvância na parentalidade e de impossibilidade do pai adolescente assumir adequadamente a sua função podem “minar seu desejo e seu potencial para o envolvimento com o bebê e a parceira” (Santos, 2008, p. 3). Tal constatação também é ressaltada por Abeche, Maurmann, Baptista e Capp (2006) ao afirmarem a necessidade de quebrar esses estereótipos, já que pesquisas mostram um grande número de pais adolescentes realmente envolvidos com a paternidade.

Essa recusa social de reconhecer o lugar do pai não se limita apenas ao pai adolescente, ainda que nessas condições isso seja mais evidenciado (Trindade & Menandro, 2002). A produção científica reflete esse vazio em relação à figura paterna quando se analisa o número de produção sobre a mãe adolescente em contraste com o foco no pai adolescente (Almeida & Hardy, 2007; Meincke & Carraro, 2009; Levandowski, Antoni, Koller & Piccinini, 2002; Corrêa & Ferriani, 2006; Corrêa & Ferriani, 2007; Hoga & Mello, 2006; Correia & Sereno, 2005; Bornholdt, Wagner & Staudt, 2007; Santos, 2008; Lyra, 2009).

O não olhar para a figura do pai adolescente também ocorre nos programas públicos de saúde, nos quais há extensa preocupação com a maternidade e uma exclusão da paternidade, como no Programa de Saúde do Adolescente (PROSAD), no qual não há especificações sobre a assistência que deve ser prestada ao adolescente do sexo masculino diante de uma gravidez (Corrêa & Ferriani, 2007; Corrêa & Ferriani, 2006; Schettert, Nóbrega, Lunguinho, Araujo & Barreto Neto, 2007). Quando muito, o pai é olhado enquanto apoio social para a mãe, mas não em suas sobreposições de conflitos, angústias ou dificuldades (Orlandi, 2005; Orlandi & Toneli, 2008; Trindade & Menandro, 2002). Por isso, ao serem retratados em pesquisas, normalmente os dados sobre o pai adolescente são obtidos com a parceira, deixando um campo em aberto sobre a real percepção do homem sobre sua vivência da parentalidade na adolescência (Gonçalves, Parada & Bertencello, 2001; Lyra et al. 1998).

Esse estudo busca, portanto, investigar como o adolescente do sexo masculino percebe e vivencia sua experiência de paternidade na adolescência. Para tal, busca-se investigar como se dá tal experiência, a partir do seu discurso, considerando-se que, nesta situação, somam-se aos intensos processos biológicos e psíquicos próprios do adolecer a complexidade inerente ao processo de se tornar pai.

Método

Para que se possam investigar as singularidades da vivência da paternidade na adolescência realizou-se um estudo qualitativo, já que conforme Minayo e Sanches (1993), “é no campo da subjetividade e do simbolismo que se afirma a abordagem qualitativa”,

buscando-se a “compreensão das relações e atividades humanas com os significados que as animam” (p. 244). Um estudo qualitativo possibilita, desse modo, conhecer a fundo as vivências e as representações que as pessoas têm de suas experiências de vida (Turato, 2005). A psicanálise, como aporte teórico do estudo, ampliou a possibilidade de percepção da complexidade psíquica, compreendendo o sujeito como um eu em construção incessante (Sternbach, 2008).

Participaram deste estudo cinco adolescentes do sexo masculino, com idades entre 12 e 18 anos, conforme a definição de adolescência da Unicef/ONU (2009), cujas parceiras estavam no terceiro trimestre de gravidez e em acompanhamento pré-natal em hospitais da cidade de Goiânia – GO, constituindo-se uma amostra por conveniência. O fechamento amostral deu-se quando os dados obtidos passaram a apresentar redundância, sendo improvável o aparecimento de novas contribuições significativas para o aperfeiçoamento da reflexão teórica fundamentada nos dados apreendidos (Fontanella, Ricas & Turato, 2008), de acordo com o critério de exaustão/saturação proposto por Bodgan e Biklen (1994).

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, compostas por eixos temáticos preestabelecidos e questões abertas. A entrevista possibilitou acessar a visão dos participantes do estudo a respeito da experiência de paternidade e que não era passível de conhecimento apenas por meio de uma observação direta, constituindo assim um recurso capaz de acessar a perspectiva subjetiva de cada adolescente. No caso das entrevistas semi-estruturadas, há uma lista básica de questões que devem ser abrangidas ao longo da conversa, de modo que todos os temas relevantes sejam trabalhados. Esse roteiro serve como orientador para o entrevistador, entretanto, há liberdade de explorar temas significativos que surjam na relação com o participante (Nunes, 2005).

O roteiro, constituído a partir dos eixos temáticos, abrangeu os seguintes tópicos: expectativas frente à paternidade, mudanças em sua vida, sua relação com a parceira e com o bebê e ao seu futuro; sentimentos frente à confirmação da paternidade e à reação de familiares e amigos; se conhece e/ou se relaciona com pessoas de sua faixa etária que são pais; aspectos positivos e/ou negativos que relaciona com o fato de ser pai na adolescência; e os fatores que podem contribuir e/ou dificultar esta situação.

Para a realização deste trabalho foram realizados contatos com maternidades na cidade de Goiânia – GO, para obter a autorização necessária para a realização da pesquisa. Foram explicados os objetivos e características deste trabalho aos profissionais responsáveis. Frente ao consentimento da instituição foi realizado um contato pessoal com os adolescentes. Neste encontro a pesquisa foi apresentada e, mediante a concordância em participar do estudo foi

entregue ao adolescente um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo B), tendo sido lido e assinado em duas vias, permanecendo uma cópia com o participante e outra com a pesquisadora. As entrevistas foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas. No caso de participantes menores de 18 anos também foi feito contato com os responsáveis que assinaram o TCLE. No dia da entrevista os participantes responderam, ainda, à Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos (Anexo C).

As entrevistas, depois de gravadas e transcritas, foram analisadas por meio da Análise de Conteúdo de Bardin (1991) através da releitura de Moraes (1999) e discutidos por meio das contribuições teóricas da Psicanálise. A análise de conteúdo consiste em uma metodologia de pesquisa na qual se busca interpretar o conteúdo das mensagens, indo para além dos significados de uma leitura comum. Abrange procedimentos para o processamento de dados científicos, de forma que Moraes (1999) propõe a disposição dessa metodologia em cinco etapas:

- (1) Preparação das informações, que consiste na identificação das amostras a serem analisadas, realizando uma leitura de todo o material para separar os que estão de acordo com os objetivos da pesquisa. Inicia-se o processo de codificação do material, estabelecendo-se um código para identificar facilmente cada elemento da amostra;
- (2) Unitarização, que abrange a releitura cuidadosa do material, definindo-se a unidade de análise (unidade de registro ou de significado) e codificando-a. Caracteriza-se por ser o elemento unitário de conteúdo a ser submetido posteriormente à categorização, dependendo da natureza do problema, dos objetivos e dos tipos de materiais a serem analisados. Estas unidades devem ser isoladas do contexto inicial, de forma que tenham um significado completo em si mesmas;
- (3) Categorização, que versa sobre o agrupamento dos dados a partir do que há de comum entre eles. Esse processo facilita a análise da informação, chegando-se a categorias que devem ser válidas, exaustivas e homogêneas. A análise do material ocorre de modo cíclico e circular, necessitando extrair dos dados o significado, cada vez mais aprofundado. Por isso emergem inicialmente as categorias iniciais e posteriormente as intermediárias e as finais;
- (4) Descrição, que consiste na comunicação do trabalho, após a definição das categorias e a identificação do material correspondente a cada uma delas. Viabiliza a expressão dos significados captados de modo adequado;

(5) Interpretação, quando se busca ir além da descrição, a partir da inferência e interpretação para que se possa aprofundar na compreensão do conteúdo, baseado no aporte teórico utilizado.

Os dados colhidos foram analisados a partir do aporte teórico da psicanálise, já que, para Mezan (2002),

a psicanálise pode contribuir para a compreensão do fenômeno humano de uma única maneira: aprofundando o seu ângulo próprio de apreensão, insistindo em buscar, por trás do consciente e do imediato, os aspectos inconscientes e as forças psíquicas que os envolvem e os determinam (p.266).

Esse estudo busca, portanto, a apreensão da singularidade e subjetividade da vivência do pai adolescente a partir de sua própria expressão.

Resultados e Discussão

Os dados sociodemográficos que caracterizam os participantes deste estudo podem ser observados na Tabela 1:

Tabela 1. Sumarização dos dados dos participantes obtidos nas entrevistas

Participante ¹	Idade	Escolaridade	Período da gestação	Profissão	Estado Civil	Renda familiar ²
Pedro	18	2º ano do Ensino Médio	9º mês	Ambulante	Amigado/União estável	1-3
Paulo	18	1º ano da Universidade	9º mês	Garçom	Amigado/União estável	1-3
Hugo	18	Ensino Médio completo	9º mês	Operador de empilhadeira e motoqueiro	Amigado/União estável	Acima de 5
Artur	18	1º ano do Ensino Médio	9º mês	Recepcionista	Amigado/União estável	1-3
Gabriel	17	1º ano do Ensino Médio	9º mês	Pintor	Solteiro	Acima de 5

A idade média dos participantes deste estudo é de 17,8 anos. Observa-se que as companheiras de todos os participantes estavam no nono mês de gestação, sendo que três participantes possuem Ensino Médio incompleto, enquanto que um possui Ensino Médio

¹ Os nomes dos participantes são fictícios para preservar sua identidade e manter o sigilo.

² A renda familiar é medida em salários mínimos

completo e um, Ensino Superior Incompleto. Os participantes Pedro, Paulo, Artur e Gabriel já haviam abandonado os estudos antes da gestação por conta de reprovação, casamento, trabalho e separação dos pais, respectivamente. Apenas Hugo relatou o abandono escolar decorrente da gravidez.

Dos cinco participantes do estudo, apenas um declarou-se solteiro, enquanto os outros caracterizaram o estado civil como amigados/união estável, mas todos relataram morar com a companheira, sendo que dois participantes já moravam juntos antes da notícia de gravidez. Os três participantes que relataram renda familiar de um a três salários mínimos moram somente com a companheira, enquanto que um dos dois que declararam renda familiar acima de cinco salários mínimos mora com a sua família (três pessoas) e com a companheira; e o outro mora com a companheira e família dessa (quatro pessoas).

Após a análise do material obtido nas cinco entrevistas realizadas, foram definidas as unidades de significado, que foram organizadas em categorias iniciais. A descrição de cada categoria final foi estruturada a partir das categorias intermediárias que lhe deram origem (Tabela 2):

Tabela 2. Categorização inicial, intermediária e final dos dados obtidos nas entrevistas com os cinco participantes do estudo.

Categorias iniciais	Categorias intermediárias	Categorias finais
Sentimentos paternos frente à nomeação do filho	Construção paterna do bebê imaginário	Expectativas e sentimentos em relação à gestação e ao filho: atravessamentos narcísicos
Expectativas quanto ao sexo e às características físicas e psicológicas do bebê		
Expectativa e desejo de ver o filho	Sentimentos do pai referentes ao parto	
Temores associados à saúde materno-infantil e constatação das exigências de cuidar de alguém		
Nascimento como concretização da paternidade e de mudanças na vida do adolescente		
Papel social atribuído ao pai como provedor	Apropriação das concepções sociais acerca da paternidade	

Paternidade como sinônimo de responsabilidade e cuidado	e da adolescência	
Percepção da adolescência enquanto moratória social		
Paternidade como transição para adultez e abandono de formas mais irresponsáveis de comportamento		
Estar ao lado da companheira como forma de aproximação do filho	A busca paterna de interação com o filho no período gestacional	Presença paterna no processo de gestação: construção de potencialidades
A possibilidade de contato verbal com o bebê		
Ultrassonografia como meio de objetivação da paternidade	A presentificação da paternidade para o pai adolescente	
A vinculação com o filho pela sensação de atravessamento do próprio corpo		
Influência dos cuidados de maternagem recebidos	Elaboração das relações com as figuras primárias de apego	Experiência de paternidade: ressignificação da história de vida
Reavaliação das vivências com as figuras parentais		
Aquisição de intimidade	Influências da história como filhos na parentalidade na conjugalidade	
Recursos de resolução de conflitos na própria história de vida		
Desejo pela paternidade	Investimento libidinal na gestação	Especificidades nos modos de inscrição do ser pai na adolescência
Participação do pai adolescente na gestação		
Reação familiar frente à notícia de gravidez	A influência do suporte social no envolvimento paterno	
As reações dos amigos frente à gestação		
Abertura da gestante ao compartilhamento da gestação com o pai	Formas de inserção à paternidade	
Identificação com familiares e amigos em relação à paternidade adolescente		

A primeira categoria final foi nomeada *Expectativas e sentimentos em relação à gestação e ao filho: atravessamentos narcísicos*. No ciclo gravídico-puerperal, são muitos acontecimentos, sensações e sentimentos vivenciados pelo homem (Oliveira & Brito, 2009; Freitas, Coelho & Silva, 2007) em relação si mesmo, à sua companheira e ao filho, podendo ter dificuldades em expressar tudo o que experencia (Junckers et al., 2009), como foi manifestado pelos participantes deste estudo:

É uma sensação que não explica não, você sente ela, mas não dá conta de demonstrar pra outra pessoa como é que é. (...) Por exemplo, um momento de alegria que você vive, um Natal, por exemplo. Junto com a sua família, está todo mundo junto. É meio inexplicável mesmo (Hugo).

Por ser um processo transicional, complexo e multidimensional, a gestação é influenciada pelas experiências anteriores dos pais, suas crenças, valores, contexto existencial e socioeconômico em que ocorre (Zampieri, 2006). Este período de transição, de mudanças de identidade e de papéis sociais, exige novas adaptações, reajustamentos interpessoais e intersíquicos (Sartori & Van Der Sand, 2004; Maldonado, 2005). Portanto, conforme Oliveira e Brito (2009), surge a necessidade de compreender e acolher não somente a mulher, mas também o homem, garantindo a possibilidade de compartilhar sentimentos, vivências, de forma a auxiliá-los na construção de suas identidades maternas e paternas. Um dos participantes relatou a entrevista como possibilitadora dessa construção, a partir da reflexão:

Quando você para pra pensar assim, quando você vai correndo a vida assim, você nem pensa, mas quando você para pra pensar mesmo, é meio tenso. Se você não me chama aqui, talvez eu nem tinha parado pra pensar. (...) Muitas coisas eu já estou planejando, mas muitas coisas eu parei pra pensar agora que você está me perguntando (Hugo).

Tal construção inicia-se muito antes do nascimento do filho. Distintamente de qualquer outra relação de intimidade, nesta os sujeitos são quase invisíveis um para o outro e, portanto, as expectativas formam a base da relação (Piccinini, Gomes, Moreira & Lopes, 2004). Segundo Castoldi (2002) a transição para a parentalidade vincula-se, “inicialmente, à elaboração de um espaço psíquico para o filho que está sendo gestado” (p. 30). Este filho imaginário aparece no espaço criado entre o já conhecido e o novo, entre as histórias vivenciadas pelos pais como filhos e a angústia do desconhecido (Grigoletti, 2005). Dará o substrato psíquico para que os pais possam entrar em relação com o bebê da realidade, sendo a personificação dos desejos e fantasias parentais. É esse depósito de libido no corpo do filho

que possibilita que ele se torne um sujeito digno de uma história pessoal e particular (Ferrari, Piccinini & Lopes, 2007).

As expectativas parentais são formadas a partir de suas projeções narcísicas (Bolli, 2002). De acordo com Freud (1914/2006), a atitude afetuosa dos pais para com os filhos consiste em uma revivência e reprodução do narcisismo parental. Por isso, é comum que haja a supervalorização dos filhos:

Assim, eles se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho – o que uma observação sóbria não permitira – e de ocultar e esquecer todas as deficiências dele. (...) Além disso, sentem-se inclinados a suspender, em favor da criança, o funcionamento de todas as aquisições culturais que seu próprio narcisismo foi forçado a respeitar, e a renovar em nome dela as reivindicações aos privilégios de há muito por eles próprios abandonados. (...) ela será mais uma vez realmente o centro e o âmago da criação – ‘Sua Majestade o Bebê’, como outrora nós mesmos nos imaginávamos. A criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram (...). O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocadamente revela sua natureza anterior (p. 97-98).

Tal expressão do narcisismo paterno ficou evidenciada nas falas de todos os participantes:

Ela vai ser linda (Gabriel).

Já quero viajar com ela, já quero ir pra casa da minha tia em Caldas Novas, já quero levar ela pra brincar, já estava pensando em levar ela no Mutirama [parque de diversões], nem está pronto ainda” (Hugo).

Desde que descobriu a gravidez, eu imagino coisa que eu não tive quando criança com um pai e eu poder dar pra ela hoje, o que eu não tive. (...) Eu penso assim, se for uma escolha dela daqui há dez, quinze, vinte anos, tudo bem, eu vou respeitar, eu vou apoiar, não vou virar as costas pra ela, mas eu vou fazer tudo o que eu puder pra ela seguir esse caminho, crescer na vida, fazer uma faculdade, ser melhor do que eu tentei ser (Paulo).

A importância da construção de um lugar *a priori* para o bebê, no psiquismo dos pais, é ressaltada por Kamers e Baratto (2004). Segundo os autores, no confronto com o real do corpo do bebê, os pais necessitam constituir um todo imaginário, envolvendo-o com palavras que marcarão o psiquismo deste sujeito que chega ao mundo. Esse processo ocorre à revelia da consciência dos pais, operando através de uma articulação inconsciente. De acordo com

Soussan (2005), é justamente esse processo que possibilita uma passagem adequada da vida intrauterina para a vida aérea, estabelecendo a relação interpessoal com o bebê.

Nessa relação, a definição do nome do filho se caracteriza por ser também um dos parâmetros de antecipação psíquica do bebê, tornando-o mais real e possibilitando que ele assuma o seu lugar. Todos os participantes se referiram à nomeação do filho como uma possibilidade de construção psíquica, vinculação, interação e participação na gestação:

Aí eu deitava na cama, aí eu ficava falando pra ela [companheira] bem assim: “Estou doidinho pra – eu coloquei o apelido nela de C. – eu estou doidinho pra ver a C. deitada nesse berço, e eu vou deitar do lado na cama (Pedro).

Eu já tinha escolhido o nome né? Dos dois [menino e menina]. (...) A gente estava no quarto, conversando - eu, ela, o irmão dela, todo mundo - brincando, eu fui e falei o nome e ela gostou. Gostou e ficou. Foi bem legal. Eu achei legal isso de poder acabar dando o nome pra ela (Gabriel).

A identificação do sexo do bebê é o que permite aos pais a sua nomeação (Piccinini, Gomes, Moreira & Lopes, 2004). De acordo com Hornstein (1994), o sexo é um dos limites impostos do corpo do bebê ao processo imaginativo dos pais, sendo que a não correspondência do sexo aos desejos parentais podem implicar em grande frustração. Defensivamente a essa decepção, pode ser usada a resignação. Os participantes do estudo relataram a sua preferência pessoal em relação ao sexo do bebê:

Eu pensava que ia ser menino, então tinha escolhido um outro nome. (...) Ela queria M. E. Eu falei: “Não, M. E. tem muita, na nossa família já tem três, então não convém, vamos colocar outro nome”, aí ela (...) escolheu I., aí eu falei: “É isso mesmo!” (...) Eu achava que ia ser um rapaz. Não que eu quisesse que fosse um menino, porque eu sempre quis uma menina também, mas eu sempre quis uma menina, porque eu acho que a menina é mais amorosa, ela dá mais atenção, não é secona, entendeu? O menino não, o menino é mais grosso, é mais forte, é mais firme, é mais difícil de você conviver com ele. Ele não te respeita igual eu não respeitava o meu pai. Eu tinha medo. A menina não, ela respeita o pai, ela respeita mais a mãe, no meu pensamento, no que acontece na minha família, né? A menina é mais fácil pra ela às vezes chegar em você e contar alguma coisa pra mãe, o menino não, o menino esconde pra valer, fica calado, morre apanhando, mas não conta nada. A menina não, a menina é mais fácil conversando, porque eu sempre quis uma menina, mas eu pensava que ia ser menino (Paulo).

Corroborando o conteúdo expresso na fala de Paulo, Bolli (2002) enfatiza que as atitudes paternas são influenciadas pelo sexo do bebê: “o pai não consegue evitar identificar-se com o menino e sentir ternura pela menina, e estas tendências inconscientes influem no tratamento que os pais dirigirão ao bebê” (p. 32). Esse pensamento é reforçado pela fala de outro participante do estudo, quando se identifica com o menino, já que começou a trabalhar cedo por desejo próprio e mostra ternura e cuidado pela menina:

Porque se fosse menino, inteirava 16 anos dava pra ir pro Pró-Cerrado, Pró-Jovem, eu acho, né? Agora, menina não, né? (...) Menino é mais independente, eu acho, né? Não que mulher não seja independente, entendeu? Não é por isso, mas é diferente. A menina a gente protege e cuida mais. Que nem a mãe tem com o filho homem, entendeu? Cuidar mais, proteger mais (Gabriel).

Em relação ao parto, Lopes, Donelli, Lima e Piccinini (2005) enfatizam a possibilidade de mobilização dos níveis de ansiedade, medo, excitação e expectativa dos pais. Constitui-se em um processo que abrange todo o ciclo gravídico-puerperal, já que é antecipado na gestação sob a forma de expectativas e continua sendo referido após a conclusão a partir de lembranças e sentimentos que marcam a história dos sujeitos envolvidos. Um dos participantes do estudo se refere a esse continuum associado ao parto:

Eu estava deitado lá de fora e pensando, então você fica aquela coisa assim, de expectativa do que vai acontecer hoje à noite, amanhã, que dia que ela vai nascer, que dia que ela vai embora pra estar junto (...). Então, eu vou viver isso tudo, o tempo que eu puder ficar com ela, o máximo possível pra poder lembrar quando ela sair de casa, quando ela for viver a vida dela, daqui há muitos e muitos anos, poder lembrar as lembranças boas minhas no hospital, o dia que eu vou ver ela a primeira vez, o dia que eu vou pegar ela a primeira vez, o dia que ela chorar quando eu pegar ela, então, coisas que vão ficar marcadas pro resto da vida (Paulo).

Conforme a fala do participante, Oliveira e Brito (2009) enfatizam o desejo paterno de compartilhar o nascimento do filho com o objetivo de sentir a emoção de ser pai. Alguns pais, segundo Bolli (2002) podem ter a percepção da gravidez antes da confirmação pelo exame clínico ou ausência da menstruação, como foi relatado por Artur:

Eu já estava mais ou menos sabendo que ela estava grávida. (...), eu não sei te falar porque eu já sabia, mas eu já sentia que ela estava grávida (Artur).

Os temores associados à saúde materno-infantil no momento do parto também foram frequentes nas falas dos demais participantes:

É ansiedade né?(...) Na última consulta né? Quando o médico falou que já está quase nascendo e que vai ter que ser cesárea, cirurgia, sabe? De ocorrer tudo bem. Medo de acontecer alguma coisa com ela, entendeu? Meu pai também ficou bem ansioso, quando era pra me ter, sabe? (...) Ele ficou ansioso e com medo, porque com a minha irmã teve complicação no parto da minha mãe, aí eu fiquei meio assim também, por causa disso. Eu tenho uma irmã mais velha e uma mais nova e deu complicação no parto das duas. (...), uma foi de parto normal e a outra de cesárea, mas meu pai não me contou o que foi, só falou que demorou pra nascer. E é disso que tenho medo agora, com a minha filha. Porque, assim, com a minha namorada também tá assim, de demorar pra nascer, porque já tá com 40 semanas e nada. Aí o doutor disse que se ela [filha] não vier antes na semana que vem vai ter que induzir ou mesmo fazer a cesárea. Por isso que eu fiquei com medo (Gabriel).

Conforme Lopes, Donelli, Lima e Piccinini (2005), tanto o homem como a mulher vivenciam ansiedade em relação ao parto por ser algo desconhecido e imprevisível. Essa ansiedade pode ser intensificada no terceiro trimestre de gestação, o que confirma os dados obtidos na pesquisa. Os temores mais comuns nesse período, de acordo com Santos, Zellerkraut e Oliveira (2008) referem-se à morte no parto, com preocupações sobre as condições de saúde da companheira e do filho (Santo & Bonilha, 2000).

Acerca das preocupações paternas em relação à gestação e ao filho, Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes e Tudge (2004) encontraram em sua pesquisa a contradição entre o relato literal dos participantes de não ter tais preocupações e a referência destes mesmos pais de possuir essas apreensões em outros momentos das entrevistas. Esse achado foi corroborado no atual estudo, quando Pedro e Paulo verbalização de forma semelhante: “*Preocupação? Não.*” Porém, em momentos posteriores nas entrevistas, ambos relataram apreensões referentes aos cuidados com o bebê. A contradição evidente pode ser associada à dificuldade de lidar com seus medos e angústias, assim como, remeter ao estereótipo masculino que lhes exigem maior controle das emoções, bem como de funcionar como suporte emocional às gestantes, contendo as ansiedades características deste. Os participantes Hugo e Gabriel conseguiram expressar suas preocupações e anseios de forma explícita:

Nossa! Preocupado! Muito preocupado, entendeu? Eu já estou pensando em colégio pra minha filha, eu já estou pensando aonde que ela vai estudar, (...) a gente estava vendo uma reportagem junto, de umas babás que estavam batendo nuns meninos, em umas criancinhas, eu falei: ‘Nossa, meu filho não vai ficar com babá nunca!’ (...) Então, você pensa várias coisas ao mesmo tempo (Hugo).

Só se ela adoecer mesmo, entendeu? Só. Necessidade acho que não passa não. Na minha infância eu tive bronquite, era horrível, fui parar eu tinha tipo uns 10 anos. Só quando eu comecei a fazer esporte que melhorou. Nunca mais tive (Gabriel).

Nesses casos, os dados remetem aos achados de Piccinini, Ferrari, Levandowski, Lopes e Nardi (2003), quando se referem à infância do filho como foco de expectativas e anseios, pela centralização das questões psíquicas associadas ao parto e à gestação que clamam reelaborações. No caso do segundo participante citado – Gabriel, percebe-se um nítido processo identificatório com o filho, que auxilia na vinculação e ao mesmo tempo, remete às questões psíquicas ainda não trabalhadas de sua própria vida que ressurgem neste momento gestacional.

A apropriação das concepções sociais acerca da paternidade e da adolescência também mostrou ser influente nas expectativas e sentimentos dos pais frente à gestação e ao filho. Conforme Oliveira et al. (2009), "em nossa sociedade o homem sempre esteve vinculado a um

padrão de comportamento provedor e protetor" (p. 75). Se antes a figura paterna mostrava-se fortemente ligada ao papel de provedor, atualmente, nota-se um crescimento da ênfase cultural dedicada à concepção de cuidado e responsabilidade junto aos filhos (Oliveira & Brito, 2009; Schmidt & Bonilha, 2003), o que se reflete na fala dos participantes do estudo:

Vou ter que trabalhar dobrado (...) pra poder dar um futuro bom pra minha filha (Pedro).

Acho que a mudança de ser mais responsável, né? Porque agora eu não vou estar cuidando só de mim assim, da minha vida, eu vou ter alguém mais pra eu cuidar, então, mais responsabilidade (Artur).

Essa percepção de responsabilidade paterna se contrapõe, segundo o relato dos participantes, à inconseqüência adolescente:

Agora é diferente né? Igual eu te falei, tudo o que você faz é pro filho, tudo o que você pensa, se você pensa assim, em aumentar, em crescer na vida, você pensa que você vai crescer por causa do seu filho. Não é aquela coisa de quando você é novo. Quando você é novo você (...), a maioria dos jovens não pensam em crescer, assim, são raras as pessoas que pensam em crescer na vida, em estudar, fazer uma faculdade, arrumar um bom serviço, comprar uma boa casa, comprar um bom carro, não, você não pensa nisso, você só pensa em viver a vida, vai vivendo a vida, vamos trabalhando, a partir do momento que você é pai, é totalmente diferente (Paulo).

Segundo Capanema, Vorcaro, Viana, Melo, Curvelano e Santos (2011) e Schwartz, Vieira e Geib (2011), a gestação adolescente é socialmente considerada irresponsável, justamente por estar mais associada culturalmente a essa percepção de moratória social adolescente, na qual haveria a possibilidade de vivência da onipotência e inconseqüência características dessa faixa etária. Dessa forma, se a percepção da adolescência atrela-se à irresponsabilidade, a paternidade na adolescência aparece como uma possibilidade de transição para a adultez. O nascimento do primeiro filho, de acordo com Castoldi (2002), caracteriza a transição para adultez masculina. O estudo de Capanema, Vorcaro, Viana, Melo, Curvelano e Santos (2011) também encontrou a paternidade como um fator significativo de transição para adultez, assim como foi descrito pelo participante Hugo:

Eu já fiz muita coisa que muitas pessoas não fizeram, entendeu? Eu já viajei, (...) eu tinha vontade de ter um carro com muito som, já pus carro, já tive som, já vendi, entendeu? Trabalhei um tempão aí pra sair tocando em festa, então (...), já curti muito, já saí, já namorei com várias meninas, entendeu? (...) eu já fiz muita coisa mesmo, muita coisa que eu já queria ter feito na vida. Então (...), eu já fiquei meio preparado porque quando você vai ser, (...) eu falando pra mim mesmo: 'Não, agora, acabou isso aí tudo, entendeu?' (...) agora é uma nova vida né? Porque tem alguém ali que depende muito de mim agora né? Antes, ninguém dependia de mim. Eu dependia do meu pai e da minha mãe, muito, né? Agora tem alguém que depende de mim ali né? (Hugo).

Neste sentido, pode-se constatar a associação do participante de um modo de ser mais irresponsável como pertencente ao passado. A experiência da paternidade remete Hugo à condição de cuidar de alguém que depende dele e de mudanças em seu jeito de viver a vida.

A segunda categoria final foi denominada ***Presença paterna no processo de gestação: construção de potencialidades***. Segundo Piccinini, Gomes, Moreira e Lopes (2004) as formas de interação com o bebê durante a gestação implicam na construção da imagem mental de seu filho descrita anteriormente e, conseqüentemente, na certificação de que a criança já estava presente, fazendo parte da vida dos pais. Os autores consideram que “esta disponibilidade para a interação com o bebê reflete uma vivência já bastante real da paternidade, além de um grande envolvimento emocional com o bebê” (p. 310). Estes aspectos são mais observados no terceiro trimestre de gestação, segundo esses autores. Para Santo (2000) estar ao lado da companheira é uma das formas de viabilização de aproximação do filho, assim como o contato físico e a comunicação verbal através do ventre da mulher (Santos, Zellerkraut & Oliveira, 2008). No caso dos participantes deste estudo, que estavam no nono mês de gestação, foi observada uma busca ativa de interação com o filho:

Eu malhava, eu parei de malhar. Porque está perto de nascer, eu malhava até pouco tempo atrás, malhava e fazia muay thai, agora eu estou fazendo só muay thai, porque tipo, malhar é todo dia, né? E eu tenho que ficar mais com a minha filha, entendeu? (...) eu chegava do serviço, tomava banho e ia pra academia. Voltava da academia só de noite, muito tarde, aí chegava, tomava banho e ia dormir. Agora eu tenho que ficar mais com a minha namorada, né? Com a minha filha. (...) Eu já estou conversando com ela [filha] agora, dentro da barriga (Gabriel).

A possibilidade de visualização do filho através da ultrassonografia obstétrica também aparece na literatura como uma forma significativa de interação com o bebê, tornando “o filho, para o pai, uma presença mais concreta” (Santo & Bonilha, 2000, p. 92), o que pode facilitar a transição para a parentalidade (Castoldi, 2002; Grigoletti, 2005). Nesse momento, os pais partilham uma posição de igualdade, enxergando a mesma imagem do bebê e tendo acesso às mesmas informações, o que pode fazer com que os pais se sintam mais responsáveis pelo cuidado com a mãe e com o bebê (Piccinini, Gomes, Moreira & Lopes, 2004). Todos os participantes do estudo citaram este exame como um marco significativo no seu processo de parentalidade:

Eu levei ela pra fazer uma ultrassonografia, aí a partir desse dia, as coisas já começaram a mudar bastante. Não, o médico falava assim: “Aqui está a mãozinha, aqui está a cabecinha, oh, a perninha dela está cruzada”, só que a gente não vê nada né? O médico que entende e eu não consegui ver nada. A gente até gravou o CD pra levar lá pra casa, mostrando pra todo mundo, só que eu particularmente não consegui

decifrar. O médico olhando: “Aqui a cabecinha”, mas você não vê nada. É difícil aquilo ali, é trem pra médico, mesmo né? (...) É um médico conhecido da minha mãe, aí então, eu já tinha certeza, já se concretizava ali, entendeu? (...) A emoção que eu senti quando eu vi minha filha no ultrassom, não explica (...), ninguém compra em lugar nenhum, ninguém te dá, ninguém te vende, a pessoa tem que sentir, entendeu? Eu falei: “Eu não quero esquecer esse momento que eu passei nunca mais na minha vida” (Hugo).

Além da sensação descrita de objetivação da paternidade através do exame de imagem, Oliveira, Ferreira, Silva, Ferreira, Seabra e Fernando (2009) pontuam que a participação nas consultas de pré-natal e o acompanhamento desse processo, possibilita ao homem sentir-se envolvido com a gravidez e expor seus sentimentos e preocupações. O que é corroborado por um dos participantes do estudo:

Mas foi bom, foi gostoso viver a gravidez dela, assim, acompanhar o pré-natal, a ultrassom. Eu fui todas as vezes com ela. Só as vezes que ela vinha pras consultas aqui em Goiânia não, mas os ultrassons, as coisas que ela fazia lá em I. [cidade do interior de Goiás], eu estava sempre junto com ela, todas as vezes. (...) É totalmente diferente, porque pra mim foi uma satisfação muito grande saber que eu ia ser pai, foi uma emoção que, foi a melhor coisa da minha vida. Meu sonho era ter uma moto. Meu pai me deu uma moto e eu fiquei mó feliz, mas nem se comparou quando eu soube que ia ser pai. Nossa! Ontem quando eu cheguei aqui e vi ela lá, na ultrassom, aquele trezininho pequenininho assim, é muita felicidade pra um coração só, é muito bom. (...) Só ontem às 21:23h quando eu vi ela na ultrassom, que é uma emoção que eu vou guardar pro resto da vida (Paulo).

A vinculação paterna com o filho dá-se de maneira diferenciada da materna, principalmente porque somente a mulher pode sentir o filho crescer dentro de si e passar pelo parto corporal do bebê (Delmore-Ko, Pancer, Hunsberger & Pratt, 2000). Alguns adolescentes entrevistados citam o atrelamento psíquico com o filho, a partir do atravessamento do próprio corpo, o que pode estar associado a uma busca de igualdade da relação materna com o filho, além da ênfase corporal vivenciada pelas modificações e ressignificações do eu próprias da adolescência, incluindo a esfera das mudanças físicas:

Eu fico olhando assim: “Nossa! Será que saiu de dentro de mim, né?” Bem legal saber. (...) Ele sai de dentro de mim também né? É sem explicação (...). Você olha assim, ela grávida e não acredita que é seu. É bem engraçado. Meio sem noção assim, que está ali já nosso filho (Artur).

Já fiz tatuagem com o nome dela. Aí se eu tiver outro filho eu vou ter que fazer outro nome. Uma tatuagem aqui nas costas, deixa eu te mostrar, dá pra você ver aqui oh: ‘Amor de pai: I. [nome da filha]’ (...) No dia que eu fiz a tatuagem acho que não tinha nem um mês e quinze dias, mais ou menos que ela estava grávida. (...) Tanto que ela [companheira] tinha certeza e eu confiava nela que ia ser I. Eu sempre quis uma menina né? Então eu disse: ‘Oh, Deus, ajuda aí que vai ser uma menina e eu vou colocar o nome dela aqui’. (...) A T. [companheira] nem sabia. Aí depois que eu fiz as

fotos que eu fui mostrar pra ela. 'Ah, eu quero fazer uma também, eu quero fazer uma também, amor de mamãe'. Aí eu falei: 'Não, quando você sair do resguardo você faz, eu vou lá e marco pra você'. Eu falei pra ela: 'Não preocupa não, dor maior você vai sentir no trabalho de parto' (Paulo).

Nesta segunda categoria pode-se constatar o quanto a presença e participação do jovem adolescente nas etapas de gestação podem viabilizar e potencializar os vínculos paternos com o bebê. De modo geral todos os participantes puderam explicitar o quanto a acompanhamento a exames e a percepção real da existência do bebê promoveram, antecipadamente transformações em suas vidas visando o nascimento de seus filhos.

A terceira categoria final foi denominada ***Experiência de paternidade na adolescência: ressignificação da história de vida***. Sabe-se que a vinda de um filho anuncia a continuidade do pai e da mãe, perpetuando quem lhe deu origem e estabelecendo, em cadeia, a imortalidade, como desejo próprio do narcisismo que habita o humano. Sob outro aspecto, tornar-se pai implica em assumir o seu lugar na cadeia de gerações, assumindo seu espaço de maturidade e de confronto com a própria finitude (Grigoletti, 2005; Capanema, Vorcaro, Viana, Melo, Curvelano e Santos, 2011; Ribeiro, 2006). Os participantes destacaram a paternidade enquanto possibilidade de continuidade do ser:

Ninguém sabe o dia de amanhã (Pedro).

Eu imagino (...) apresentando pros amigos: 'Nossa, é minha filha, e tal, como se diz, minha herdeira, tá aqui, é o meu sangue' (Paulo).

O filho, segundo Ribeiro (2006), é a promessa daquilo que não foi feito por seus pais, sendo uma recompensa ou uma repetição de suas infâncias. Dessa forma, as vivências gratificantes vivenciadas pelos pais servem como referência para a busca de repetição, assim como as decepcionantes funcionam como estímulo ao desejo de se evitar que os filhos experimentem tal sentimento (Bolli, 2002; Grigoletti, 2005; Carmignani, 2005), dando um novo significado às marcas psíquicas de suas antigas vivências. Afinal, de acordo com Suassuna (2008), todos os adultos sempre têm alguma coisa a reparar de sua história infantil, assim como, todas as crianças possuem algo a reparar da história parental. Todos os participantes relataram possibilidades de ressignificação de vivências anteriores com seus pais, que repercutiam nos objetivos que desejam repetir ou evitar com seus filhos:

Agora que eu estou vendo o tanto que o meu pai e minha mãe cuidaram de mim quando eu era bem pequeno, entendeu? Eu já respondi minha mãe, já briguei com ela, já briguei com o meu pai, entendeu? Então, eu estou pensando muito nisso, daqui a quinze anos minha filha está brigando comigo sendo que eu estou dando tudo pra ela agora, tudo o que eu posso e que eu não posso, entendeu? (...) Eu estava aqui ontem quando fez a ultrassom, só pra te dar um exemplo, e aí quando eu cheguei em casa a

primeira coisa que eu fiz foi dar um abraço na minha mãe, entendeu? Cheguei lá e falei: 'Mãe, vi a neném hoje'. Ela até falou: 'É, agora você está vendo, está até me dando valor agora'. (...) 'É, agora você está vendo como é que é, né? Agora você dá valor na sua mãe'. Porque o tanto de vez que a minha mãe chegou em mim e falou: 'Não, R., não vai, não volta essa hora, não faz isso'. E a hora que chegar lá na frente, é eu agora né? (...) A minha mãe me ligando 24 horas e eu nem atendia o telefone. Eu sempre me dei muito bem com a minha mãe, não estou falando que eu fui um filho rebelde, só que eu dei muito trabalho também, entendeu? Só que Graças à Deus o que eu tenho com a minha mãe, o que eu quero ter com a minha filha, que eu tenho com o meu pai, é a confiança. Eles confiam muito em mim. O que eu não quero repetir do que eu vivi com os meus pais, eu acho que é as brigas que eu tive com eles, né? Porque assim, 17 anos, eu já tinha um carro, eu nem podia né? Que o meu pai me deu, então assim, eu queria sair de todo jeito e não tinha hora pra voltar. O que eu não quero repetir é as brigas com eles (Hugo).

De acordo com Bolli (2002) é provável que todo pai possua em seu mundo psíquico algum modelo de pai a ser evitado ou a ser seguido. No caso dos participantes do estudo, foram referidas as singularidades de modelos identificatórios para a função paterna a partir de suas histórias de vida:

Porque assim, meu pai sempre foi mais carinhoso comigo do que a minha mãe. Quando ele separou, eu tinha uns, tipo, doze anos, eu sempre fui morar com o meu pai, entendeu? Nunca fui morar com a minha mãe não. Dá pra contar as vezes que eu fui lá ver ela. Tudo na minha vida foi do lado do meu pai (...). Eu espelhava no meu tio. Eu espelho ainda. Ele é sargento do exército. Ele que escolheu meu nome. Mora perto de casa. Respeito, situação boa. Ele é respeitado (Gabriel).

"Eu não chamava ele de pai não. Aí eu tinha uns oito anos. A primeira vez que eu chamei ele de pai. Ele trabalhava lá no Joquei. Ele trabalhava de garçom. (...) Eu estava sentado vendo ele trabalhar. Eu fui pedir água pra ele. Eu falei: 'Pai, pega água pra mim'. Ele parou assim, ele: 'o quê?'. Eu: 'água'. Ele: 'Não, de que você me chamou?' Aí eu: 'Pai'. Ele: 'Ah...' Ficou todo alegre! (Pedro).

Porque na minha família não teve isso: de quando eu era criança de ver meu avô e minha avó brigar, eu nunca vi, então eu fui criado assim e vou tentar passar tudo o que eu vivi pra ela de bom e as pequenas coisas de ruins que eu vivi eu não vou passar pra ela de jeito nenhum, evitar o máximo de coisas ruins. Pra que amanhã ela, sei lá, (...) igual eu mesmo, fiquei tendo um pensamento ruim na minha cabeça porque a minha mãe foi embora e não voltou, foi trabalhar e não interessa, tinha que ter voltado né? Então, assim, pra mim, num futuro próximo assim, quando ela começar viver a vida dela, ela não poder olhar pra trás e falar: 'Nossa, aconteceu isso de ruim' (Paulo).

No caso da parentalidade adolescente, os estudos de Schwartz, Vieira e Geib (2011), mostraram que foi possível que os pais reexaminassem suas identidades e papéis, contrabalanceando os conflitos com os próprios pais, "a partir do reconhecimento de seus gestos afetivos. A figura paterna foi ressignificada e valorizada, abrindo perspectivas para

relacionamentos mais harmônicos” (p.2582). De acordo com Piccinini, Levandowski, Gomes, Lindenmeyer e Lopes (2009) essa resolução pode ser precedida de intensificação dos conflitos com seus próprios genitores, na medida em que o bebê se torna mais concreto para os pais. Dois participantes relataram a ressignificação da morte do pai e outro o processo de ressignificação da situação de separação de seus pais, a partir da notícia de gravidez. O participante Paulo relatou a intensificação dos conflitos com o pai que evoluiu para a posterior resolução de conflitos há muito adormecidos:

Eu fui criado sem meu pai, tinha o pensamento de que quando eu fosse pai não ia fazer a mesma coisa (...), tanto é que no começo da gravidez, meu pai me chamou pra ir embora com ele, pra trabalhar lá, eu falei: ‘Não, pai, não vou fazer isso, porque agora eu tenho uma filha pra criar, eu não vou fazer’. Eu até joguei na cara dele que ele tinha me abandonado. Ele falou: ‘Não é que eu te abandonei, teve uma proposta de serviço assim e assim, igual pra você’. Eu falei: ‘Não, mas eu prefiro viver aqui, trabalhar aqui, que seja uma coisa mais difícil, uma vida mais difícil do que ir pra lá e ficar longe dela, porque agora a minha vida é ela. Tudo o que eu fizer é pra ela’. (...) Porque assim, eu tenho 18 anos, então eu vivi até 16 anos com o meu pai [na casa dos avós paternos]. Aí eu saí da casa do meu pai e fui morar de aluguel. (...) Ele comprou uma casa pra mim. (...) Aí tava difícil e tal, estudava longe, aí ele: ‘Não, eu vou comprar uma moto pra você’. Mas sempre jogando as coisas na cara né? Assim, que eu não tinha responsabilidade pra viver sozinho, até então eu não trabalhava, só estudava. Até então, ele não reclamava. Meu pai sempre quis ter uma menina e ele casou com essa mulher e teve um filho, então ela já ficou meio triste, porque a T. [companheira] desde quando ela estava grávida, do início, ela já falava que ia ser uma menina. E aí meu pai chegou e falou um monte de coisa pra mim, falou que se eu queria vender a neném pra ele, se queria que ele cuidasse dela (...). E eu briguei com ele, ficamos um tempão sem conversar. Aí nesse meio tempo ele tomou a moto que ele tinha me dado, (...) ele falou pra mim: ‘Ou você escolhe isso ou você escolhe a T.’ (...) Eu falei: ‘Pai, a sua vida sempre foi essa: comprar, comprar, comprar e comprar. Achar que o dinheiro compra tudo, mas não compra’. Aí foi e a gente brigou. Quase que a gente foi nos tapas lá no bar. Aí ficou sem conversar. Aí agora final de maio ele me ligou (...), aí resolveu a situação. (...) Porque assim, eu sempre fui o bebezinho do meu pai, eu sempre fui o bebezinho dele e ele achou que ia ser pro resto da vida, agora que ele tem um neném, tem um ano. (...) Aí quando eu saí de casa, vendeu a casa, que eu fui morar sozinho, resolvi assumir responsabilidade de casar e ter uma família, ele achou que eu não ia conseguir. Então, até hoje ele nunca me ajudou com nada. (...) Acho que ele tinha uma expectativa de eu viver com ele o resto da vida, viver a vida dele, fazer o que ele queria que eu fizesse. Aí ele queria que eu fizesse engenharia, fui fazer ciências contábeis. Ele queria que eu tirasse habilitação de carro e eu queria de moto. Então, tudo eu era do contra (Paulo).

Também referem Piccinini, Lewandowski, Gomes, Lindenmeyer e Lopes (2009), a constatação de uma busca dos pais, cada vez maior, de serem ativos no processo gravídico-puerperal, entretanto, em sua maioria, esses pais não tiveram modelos de pais participativos. Mesmo assim, é comum que esses pais apropriem-se dos cuidados de maternagem recebidos para que possam utilizá-los para se vincular e cuidar do seu filho. Para Santo (2000), o desejo

de maternagem tem estado cada vez mais presente nos homens, em especial, os mais novos, constituindo o tão falado 'novo pai'. Esse se caracteriza pelo preparo masculino em assumir, tanto quanto a mulher, um papel ativo nos cuidados e na criação dos filhos, sentindo-se responsável por eles e acreditando que não basta vê-los raramente para ser um bom pai. Necessita ser, conforme Bolli (2002), um “coprogenitor” (p.95). Essa expectativa de acessibilidade, ou seja, de ter tempo para estarem disponíveis e acessíveis aos seus filhos, é percebida, prioritariamente, em pais de primeiro filho, em especial, nos mais novos, o que repercutiu nos participantes deste estudo:

Eu acho que ser um pouco mais presente, porque o meu pai, assim, como ele mudava muito, então ele não ficava muito com a gente (Artur).

A respeito da relação com a parceira, para Neinstein, Rabinovitz e Schneir (1991) e Amazarray, Machado, Oliveira e Gomes (1998), o desejo de ter um filho pode estar associado à busca de solidificação deste relacionamento, havendo uma idealização do casal de que a chegada do bebê tornaria todos mais unidos do que antes (Castoldi, 2002; Perdomini, 2010; Jager & Bottoli, 2009). Segundo Oliveira, Ferreira, Silva, Ferreira, Seabra e Fernando (2009), "o casal se une mais e o relacionamento se estrutura melhor quando o homem e a mulher partilham os momentos da gravidez e do parto" (p. 74). Entretanto, Oliveira e Brito (2009) pontuam que as mudanças desse período podem contribuir para a aproximação ou o afastamento conjugal. Sendo que Menezes (2001) e Menezes e Lopes (2007) são mais enfáticos, apontando que as mudanças no relacionamento do casal após o nascimento do filho caracterizam-se pelo aumento de conflitos, sendo fundamental a qualidade do relacionamento anterior à chegada do bebê para a compreensão deste período pelo casal. Este fator torna-se ainda mais preponderante quando o casal percebe o bebê como aquele que virá para superar as frustrações que eles estão passando (Ferrari, Piccinini & Lopes, 2007). De toda forma, Bolli (2002) cita que a relação conjugal apóia, de forma significativa o pai em suas funções, estando ligada à qualidade das relações pai-criança. Um dos participantes relata o desejo de que a chegada do filho contribua para a melhora da relação do casal, que já demonstrava dificuldades conjugais anteriores:

Eu acho que a R. [filha] não veio no mundo à toa, entendeu? A gente estava passando um momento muito difícil, então, ela veio pra mudar a vida da gente mesmo, entendeu? (...) Eu e a L., a gente já brigou muito, nossa, a gente brigava muito porque ela no primeiro ano de namoro queria namoro muito sério e eu já não queria, e depois que eu fui vendo que eu era balançado por ela mesmo, você entendeu? Então a gente já brigou muito, (...) traição, mas na época eu tinha 16 anos, 17 anos, eu estava conhecendo tudo praticamente, né? O que o mundo te oferece (...). Ela queria que eu assumisse uma responsabilidade e ela nunca escondeu de mim. Ela sempre falou:

“Oh, eu quero ter um filho e eu vou, o meu maior sonho é ser mãe, então desde quando a gente começou a namorar ela nunca me escondeu isso, né? (Hugo).

De toda forma, vários estudos, como Costa et al. (2005) e Dias e Aquino (2006) citam que a existência de filhos parece motivar a conjugalidade, precipitando a união formal e coabitação entre os casais. Entretanto, isto não significa, necessariamente, a autonomia do novo casal às famílias de origem, já que, de acordo com Dias e Aquino (2006), é comum que os jovens unidos conjugalmente mantenham uma relação de dependência afetiva e material com as famílias de origem, principalmente, em relação aos cuidados com a criança e contribuição financeira.

Não foi uma surpresa, porque a gente já estava meio querendo já. Daí (...) depois a gente (...), organizou primeiro um pouco as coisas e foi morar junto (Artur)

Aí ela ainda não morava comigo e aí minha mãe pediu pra ela ir morar lá em casa. (...) Então ela já foi morar lá tem uns cinco meses. (...) Depois que eu já tinha caído a minha ficha, já estava sabendo, eu precisava tomar uma atitude, então, pra mim foi uma beleza, porque eu trabalho, ganho pouco né? Então, pra comprar uma casa daqui pra ali, ou morar de aluguel, ia apertar as coisas pra mim, né? E ela não trabalha, a L. já tinha saído do emprego, e ainda mais grávida ainda né? Eu não ia deixar de jeito nenhum. Então eu reformei o meu quarto, o meu quarto é muito grande, e aí hoje mora eu, minha mãe, a minha esposa e a minha filha (Hugo).

O apoio mútuo entre o casal pode viabilizar um equilíbrio nos papéis desempenhados, direcionando a energia, de forma harmônica, nas esferas doméstica, laboral e social contribuindo para o amadurecimento do casal, além do estabelecimento de sentimentos mais duradouros entre o par. O conceito de maturidade, segundo Andreani (2006), abrange as esferas do autoconceito, da competência e do relacionamento do casal. O autoconceito inclui o senso de identidade que costuma se modificar desde o início da gestação, tornando-se mais sensível às necessidades dos outros; lócus de controle, que se define pela capacidade de identificar os eventos que estão e os que não estão sob controle; e autoestima, que consiste na habilidade de avaliar a si mesmo de forma realística, considerando as fraquezas, as forças e as circunstâncias da vida. Quanto à competência, refere-se à capacidade de resolver os problemas; à perspectiva, que consiste no afastamento dos eventos do cotidiano para conseguir avaliar a própria vida; à regulação de emoções, que viabiliza o cuidado ao filho e à companheira; e ao compromisso, que abrange maior engajamento com os outros e consigo. Enfim, a maturidade do relacionamento conjugal consiste na coordenação da individualidade e mutualidade, de forma que se satisfaça as necessidades individuais, desenvolvendo independência e autonomia; e ao mesmo tempo em que se evita a separação e afastamento da

companheira, de forma equilibrada. De forma unânime, os participantes relataram a sensação de amadurecimento pela experiência de parentalidade:

Amadureci mais, com certeza, entendeu? Ah, tipo, não sei como é que vai ser daqui pra frente, eu não sei. Tipo, ter mais responsabilidade, com certeza (Gabriel).

De forma geral, conforme Nogueira, Martins, Schall e Modena (2011), “em todas as idades, ser pai exige do homem trilhar por caminhos ainda desconhecidos, ressignificar a experiência com o pai da infância e, ainda, exige que o sujeito reinvente e redefina seu lugar na família e na sociedade” (p. 30). A transição para a paternidade, portanto, parece ser um desafio que exige um novo posicionamento social e subjetivo.

A quarta e última categoria final foi denominada **Especificidades nos modos de inscrição do ser pai na adolescência**. É notável o aumento do desejo paterno em assumir um papel mais ativo nos cuidados e na criação dos filhos (Oliveira & Brito, 2009; Santos, Zellerkraut & Oliveira, 2008), inclusive do pai adolescente (Lewandowski, 2001). No caso deste estudo, de forma unânime, todos os participantes relataram claramente o desejo de participar nos cuidados com os filhos:

Eu até penso, assim, de cuidar da bebê sabe? Tipo, se eu ficava à noite acordado na farrá, eu não vou ficar pra cuidar da minha filha? Nada a ver. Vai ser legal (Gabriel). Cuidar, dar carinho, passear junto, levar pra brincar, ver o neném chorar, acho bom (Pedro).

Quando ela nascer quero ficar com ela o tempo todo, aprender a dar banho, a cuidar, a trocar, porque, assim, a gente vê os outros fazendo, mas é diferente, fica pra lá, a gente não tem responsabilidade nenhuma e agora é diferente. Um pai corujão (Paulo).

Sabe-se que esses cuidados, apesar de desejados, são estressantes, portanto, Moreira e Sarriera (2008) pontuam que o sentimento de satisfação com o apoio social recebido pode amenizar tal estresse, contribuindo na construção de recursos ativos para a nova família. O suporte familiar, para Castoldi (2002), funciona como apoio e aconselhamento diante das dificuldades e inquietações dos pais. Já Silva e Tonete (2006) enfatizam essa importância, em especial, junto a pais adolescentes, para que haja um desenvolvimento global do sujeito e da família. Os adolescentes entrevistados relataram que o suporte familiar frente a notícia de gravidez funcionou como sustentação egóica para esses pais, em especial, junto a aqueles que não planejavam a gravidez:

Meu pai me apoiou muito, super gente boa. Falou assim, que eu tinha que assumir, eu falei pra ele que eu ia assumir, que nunca passou na minha cabeça não assumir a criança, né? (...) Quando ela falou assim que achava que estava grávida, eu já tinha tomado essa decisão. Minha mãe ficou meio brava no início, mas depois de uns dois

dias ela já ficou de boa (...). Ela falou: “Eu te avisei”. (...) Eu falei: “Não, tudo bem, eu só estou te avisando, eu não estou te pedindo nada não”. Eu já esperava que ela fosse reagir assim, minha mãe é nervosa. Porque assim, meu pai sempre foi mais carinhoso comigo do que a minha mãe (Gabriel).

Percebe-se o incentivo à participação do pai na gestação pelo suporte familiar. Da mesma forma, relataram a desestruturação psíquica potencializada pela falta de suporte inicial dos pais, por mais que a gravidez fosse desejada pelos adolescentes:

Ah, meu mundo caiu, né? Porque assim, eu fui pra contar pra ele todo feliz, ele já sabia, mas queria que eu falasse, então, sempre assim, ele fazia as coisas pra mim e jogava na cara. Aí ele me ligou, falou que ele não ia criar neta, que ele não tinha responsabilidade com neta e tal, eu falei: “Não, pai, mas o senhor não vai criar neta não, a filha é minha, eu que vou criar (Paulo).

Em relação aos amigos, sabe-se que na adolescência há uma prevalência da necessidade de inserção nos grupos de iguais para que possam exercer seu lugar de homens e mulheres ainda não permitido na sociedade em geral (Calligaris, 2000). Além disso, Pinheiro (2001) pontua que frente à percepção da castração, pode emergir a defesa narcísica, que tende a uniformizar e transformar o estranho em familiar, sendo o grupo de amigos uma possibilidade de lugar identificatório que permite a posterior individualização adulta. Como foi visto anteriormente, a paternidade na adolescência parece caracterizar uma transição para a vida adulta. O que pode refletir os resultados encontrados, de afastamento do grupo de amigos, que apresenta ser um dos suportes mais significativos durante a adolescência:

Meus amigos? Falaram isso pra mim: “Você é doido? O que você fez?” “Eu engravidei a menina, ué”. Só. Tipo, pelo menos me apoiaram, né? Tipo, fazer o que, né? Foi muito legal, né? São os amigos que eu cresci junto, né? Amizade é bom demais né? Poder conversar (...). Perdi o contato com todo mundo. Porque eu saía bastante, né? De segunda a sexta eu saí, e ainda sábado e tal. Agora parei total. Mas está melhor assim. Eu acho que eu fazia farrá demais, fazia coisa errada demais, bagunça demais. É, tipo, já briguei bastante, bebia um pouquinho, fazia farrá demais. (...) Agora não tenho amigos mais. Até tipo, no começo estava muito estranho. Agora continua um pouco estranho, mas, tem que acostumar, né? Sei lá, fazer o quê? Agora eu conversei com o meu cunhado e o meu pai. Só. (Gabriel).

Nesta direção, Schwartz, Vieira e Geib (2011), constaram que pode haver uma redução dos contatos sociais e um enfraquecimento das amizades durante a gestação adolescente. De outra forma, a literatura mostra ser comum que os pais adolescentes busquem suporte em amigos que já são pais (Parke, 1986), o que foi percebido na fala dos entrevistados:

Um amigo meu mais novo, ele engravidou antes a mulher dele, ele é mais novo que eu, então eles já tinham um convívio, a mulher dele tinha uns três meses que tinha um menininho. Ele tem 17 anos. Então já foi pra atitude mais pro lado da zoação: “Pô,

invejou de mim, não sei o que”. Os amigos: “Ah, invejou dele”. Mas foi todo mundo gente boa, todo mundo apoiou. Todo mundo legal. Aí a gente trabalhava em três lá na panificadora à tarde, então, era ele que engravidou, aí fui eu, aí o colega que trabalhava com a gente também, aí o pessoal já estava até curtindo com a gente, estava até zoando com a gente já, mas aí infelizmente a namorada dele perdeu, a do que engravidou por último, acontece né? Ele tem 16 anos (Artur).

A presença de paternidade adolescente, segundo Dias e Aquino (2006), está relacionada, ainda, à gravidez adolescente de pais ou irmãos, o que é citado pelos participantes do estudo como um fator de suporte e de estímulo ao envolvimento paterno na gestação:

*Eu tenho dois primos. Um tem 20 e o outro tem a minha idade. Esse primo meu de 18 teve a filha um ano atrás. Ela vai inteirar um ano agora, mês que vem. E tem outro primo meu que a mulher dele ganhou neném há seis meses, o de 20 (Pedro).
Na minha família, a maioria teve filho novo. Na família dela, a mãe dela teve a primeira filha acho que com 16 (Artur).*

Outros fatores significativos no envolvimento paterno com a gestação e a gravidez parecem ser a abertura da gestante ao pai, o incentivo à sua participação nos desde os cuidados iniciais com o filho, refletindo a sua percepção sobre o papel paterno (Castoldi, 2002). Um dos participantes do estudo relatou o estímulo à participação na gestação e a cobrança da companheira:

Não, porque eu dormia na casa dela, aí eu ficava lá em casa, na casa dela, lá em casa, na casa dela, aí ela mora com a avó, aí eu peguei e mudei logo, fiquei de vez em um lugar só logo, entendeu? Eu durmo na casa dela, senão, ela me mata, ela é nervosa (Gabriel).

Um dado significativo encontrado no trabalho foi o desejo pela paternidade prévio à notícia de gravidez. Três pais relataram que a gravidez foi muito desejada, ou até mesmo planejada. Um dos participantes relatou já estar tentando ter um filho há dois anos:

Já tem mais de dois anos que eu estou tentando ser pai. Desde os 16, na verdade. (...) Ela engravidou, depois de dois meses teve um aborto espontâneo. Ela começou a fazer o tratamento. (...) Assim que ela terminou o tratamento, aí a gente tentou, (...) aí deu certo (Pedro).

Conforme Carvalho, Merighi e Jesus (2009), a parentalidade pode significar realce à masculinidade, principalmente quando nenhuma outra possibilidade de transição para a vida adulta é oferecida. Esse desejo pela paternidade pode ter influenciado no relato unânime de desejo de participação na vida do filho, além da participação durante a gravidez tanto com presença paterna ao lado da companheira, como com compartilhamento ativo na preparação para a chegada do bebê:

Tá tudo comprado. Já tem berço, uma cômoda, um carrinho, tem até aquelas cadeiras do Baby, já viu? “Não é a mamãe?” Tem uma daquela. Tem um andador, tem uma cadeirinha de carro, as roupinhas, fraldas, esses trem (Pedro).

Assumir a paternidade, conforme Cabral (2002b) pode consolidar ou acirrar o processo de passagem à vida adulta. Mais ainda, pode desempenhar um papel importante na construção da identidade masculina, concretizando a publicização de sua potência e virilidade, consolidando a imagem do homem maduro, responsável e adulto, conforme foi visto nas falas dos participantes deste estudo:

Muita gente fala isso: “Ser um pai de família, ter uma responsabilidade grande”. Ter uma responsabilidade assim de fazer o melhor possível para a bebezinha que chega. As emoções, os pensamentos e a cabeça agora você é um pai de família, você tem que dar 100% de exemplo positivo pra ela, agora não, porque ela vai escutar, mas não vai entender, mas daqui uns dois, três aninhos ela já entende as coisas. Então, fazer o máximo, o melhor pra ela crescer tendo orgulho do pai e da mãe dela (Paulo).

A percepção positiva da paternidade na adolescência foi realçada pelos participantes deste estudo, mostrando sua disponibilidade em assumir e conquistar esse novo espaço psíquico e social:

Eu acho que eu sempre fui assim, muito caseiro, então pra mim, acho que ser pai agora seria tudo de bom, porque, até quando meu filho crescer, eu ser mais novo pra sair com ele, pra ter mais disposição pra sair com ele, porque vamos supor que eu fosse ser pai daqui uns 15 anos, eu com 33 anos, então quando ele chegasse aos 15, eu estaria com 48. Então, eu acho que eu não daria conta de acompanhar ele, acho que sair, brincar, uma série de coisas. Pra sair pra os lugares ficaria mais complicado. Também, a minha vontade de ser pai (...), acho que é pra curtir mais meu filho (Artur).

Eu sempre quis ter um filho cedo, só que primeiro eu tinha que estabilizar minha vida, entendeu? Só que quando veio a notícia, tudo bem, vamos fazer agora. Já pensava, tipo, eu não vou querer ter filho velho não. Eu estar mais velho, tipo, eu não vou estar tão velho e ela vai estar grande. Vai ser legal poder acompanhar minha filha, entendeu? Não quero ser um pai careta não (Gabriel).

A construção da identidade, portanto, consiste em uma tarefa central do desenvolvimento do adolescente e do início da vida adulta. Possibilita a descoberta de uma definição de si, do seu papel, das suas funções e dos seus projetos futuros, que podem ser estruturados e reestruturados ao longo da vida do sujeito, de forma contínua (Mendonça, 2007). A paternidade também exige uma reestruturação identitária, já que funciona como transição para a adultez, tentativa de obtenção de autonomia, maturidade e senso de competência pessoal nos cuidados com o filho (Carvalho, Merighi e Jesus, 2009). Dessa forma, a paternidade adolescente funciona como um período de intensas reestruturações

psíquicas e sociais, para que o sujeito possa lidar com duas intensas crises existenciais sobrepostas.

Considerações finais

Tantas transições internas e externas, como a elaboração dos lutos, a reedição do complexo edípico, as decisões profissionais e familiares podem se sobrepor à outra transição significativa de parentalidade, caso esse adolescente torne-se pai nessa fase de vida. Tornar-se pai impele a retomada e a reavaliação da relação com seus próprios pais. Relação essa que está sendo questionada e redefinida nesse momento de vida.

Por tantas sobreposições de processos psíquicos críticos a maioria dos autores tendem a perceber a paternidade adolescente com um olhar semelhante ao que é dado à adolescência em si, enquanto incapaz e geradora de dificuldades e empecilhos ao adequado desenvolvimento dessa parentalidade, em especial, de sua relação com o bebê. Alguns autores recentes questionam essa visão, a partir de suas pesquisas que não denotam diferenças significativas entre o padrão de relação do pai adulto e do pai adolescente. Neste trabalho também foi encontrado o relato unânime dos participantes no desejo de envolvimento, cuidado e acompanhamento do filho.

Entretanto, ainda há na literatura nacional uma falta de lugar do pai, e em especial, do pai adolescente, já que tanto os olhares teóricos quanto de programas de saúde voltam-se à maternidade adolescente enquanto foco de cuidado e preocupação, percebendo o pai somente como suporte para essa relação fundamental mãe adolescente-bebê.

Ressalta-se que este estudo foi realizado com os pais adolescentes que se disponibilizaram em contribuir, a partir do acesso inicial à companheira. O que pode ter gerado um viés de pesquisa, já que há uma enorme dificuldade em acessar os pais que não se encontram envolvidos com a gestação, já que não foram encontradas organizações que trabalhassem diretamente com esse público, além de que o pai adolescente só pode ser visto e ouvido socialmente se ele assim se denomina. Outro aspecto significativo deste estudo que dificultou o acesso aos pais adolescentes foi a característica cultural de adolescentes do sexo feminino envolverem-se afetivamente e engravidarem de homens mais velhos, com idade superior à proposta por este estudo. Talvez por isso os participantes também apresentaram idades relativas ao final da adolescência, já que Macedo, Azevedo e Castan (2010) relembram que a adolescência final caracteriza-se pela consolidação, definição e efetivação dos projetos e escolhas do sujeito.

Frente a esse vazio de pesquisas e informações sobre o pai adolescente, suas vivências e significações, torna-se ímpar o desenvolvimento de novas investigações acerca dos processos psíquicos intrincados à paternidade adolescente. Daí a fundamental contribuição do aporte teórico da Psicanálise enquanto propositora das questões desenvolvimentais do homem, assim como propiciadora de uma escuta singular e subjetiva do outro enquanto busca de compreensão intersubjetiva dos aspectos intrasubjetivos desse sujeito ambivalente e conflituoso *per si*. Na realização deste estudo constatou-se a importância oferecer aos jovens pais adolescentes condições de escuta e de estímulo para que possam falar sobre temores e expectativas que os acompanham nesta experiência. Tal condição pode ajudar de forma significativa para que o adolescente construa sentidos singulares e recursos saudáveis de enfrentamento na sobreposição de conflitivas adolescentes a exigências próprias da paternidade.

Ambas as temáticas de adolescência e paternidade não se esgotam enquanto possibilidades de estudo e análise, já que se constituem em processos complexos de transição. Sabe-se que o intuito de qualquer pesquisa ou trabalho acadêmico é justamente abrir novos focos de investigação e novas questões a serem indagadas e desvendadas para que se possa ter novos horizontes de compreensão e ampliação da atuação junto a esses sujeitos que demandam constantemente uma escuta social.

Referências

- Abeche, A. M., Maurmann, C. B., Baptista, A. L., Capp, E. (2006). A gestante adolescente e seu parceiro: características do relacionamento do casal e aceitação da gravidez. *Revista do Hospital de Clínicas de Porto Alegre*, vol. 26, n. 2, p. 18-23.
- Almeida, A. de F. F., Hardy, E. (2007). Vulnerabilidade de gênero para a paternidade em homens adolescentes. *Revista de Saúde Pública*, vol. 41, n. 4, p. 565-572.
- Amazarray, M. R., Machado, P. S., Oliveira, V. Z., Gomes, W. B. (1998). A experiência de assumir a gestação na adolescência: um estudo fenomenológico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol.11, n.3.
- Andreani, G. (2006). *Satisfação e responsabilidade: o envolvimento do pai na gravidez durante a transição para a parentalidade*. Dissertação de Mestrado. UFSC.
- Aquino, E. M. L., Heilborn, M. L., Knauth, D., Bozon, M., Almeida, M. da C., Araújo, J., Menezes, G. (2003). Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. *Caderno de Saúde Pública*, vol. 19, Sup. 2, p. S377-S388.
- Bardin, L. (1991). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bodgan, R., Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bolli, A. C. V. B. (2002). *O envolvimento paterno com o bebê na gestação e aos doze meses de idade*. Dissertação de Mestrado. UFRGS.
- Bornholdt, E. A., Wagner, A., Staudt, A. C. P. (2007). A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. *Psicologia Clínica*, vol. 19, n. 1, p. 75-92.
- Cabral, C. S. (2002). “Gravidez na adolescência” e identidade masculina: repercussões sobre a trajetória escolar e profissional do jovem. *Revista Brasileira de Estudos de População*, vol. 19, n. 2, p. 179-195.
- Cabral, C. S. (2002). Paternidade na adolescência: na interface entre família, gênero e sexualidade. *Actas do Colóquio Internacional - “Família, Género e Sexualidade nas Sociedades Contemporâneas”*. Lisboa, Associação Portuguesa de Sociologia.
- Cabral, C. S. (2003). Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, vol. 19, Supl. 2, p. S283-S292.
- Calligaris, C. (2000). *A Adolescência*. Col. Folha Explica. São Paulo: PubliFolha.
- Capanema, Vorceiro, Viana, Melo, Curvelano e Santos (2011). A relevância da paternidade entre adolescentes como função estruturante do sujeito. *Pós em Revista - Revista da Pós-*

- Graduação Newton Paiva*, n. 4. Disponível em: http://revista.newtonpaiva.br/seer_3/index.php/RevistaPos, acessado em 06 de agosto de 2011.
- Carmignani, M. C. S. (2005). *Viver ao lado da deficiência mental: a história oral de pais com filhos deficientes mentais*. São Paulo: Vetor Editora.
- Carvalho, G. M. de, Merighi, M. A. B., Jesus, M. C. P. de. (2009). Recorrência da parentalidade na adolescência na perspectiva dos sujeitos envolvidos. *Texto Contexto Enferm.*, Florianópolis, vol. 18, n. 1, p. 17-24.
- Castoldi, L. (2002). *A construção da paternidade desde a gestação até o primeiro ano do bebê*. Tese de Doutorado. UFRGS.
- Cauduro, L. S., Motta, M. da G. C. da. (2007). Pai adolescente: percepções de cuidado com o bebê. *Ver HCPA*, vol. 27, n. 2, p. 10-15.
- Corrêa, A. C. de P., Ferriani, M. das G. C. (2006). Paternidade na adolescência: um silêncio social e um vazio científico. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, vol.27, n. 4, p. 499-505.
- Corrêa, A. C. de P., Ferriani, M. das G. C. (2007). Paternidade adolescente: um desafio a ser enfrentado pelos serviços de saúde. *Cienc. Cuid. Saúde*, vol. 6, n. 2, p. 157-163.
- Correia, M. J., Sereno, S. (2005). O lado masculino da gravidez adolescente. *Sexualidade e Planejamento Familiar*, n. 40/41, p. 17-30.
- Costa, M. C. O., Lima, I. C., Martins Jr., D. F., Santos, C. A. de S. T., Araújo, F. P. O. de, Assis, D. R. de. (2005). Gravidez na adolescência e co-responsabilidade paterna: trajetória sociodemográfica e atitudes com a gestação e a criança. *Ciência e Saúde Coletiva*, vol. 10, n. 3, p. 719-727.
- Delmore-Ko, P., Pancer, S. M., Hunsberger, B., Pratt, M. (2000). Becoming a Parent: Relation between Prenatal Expectations and Postnatal Experience. *Journal of Family Psychology*, Washington, DC: APA, v. 14, n. 4, p. 625-640.
- Dias, A. B., Aquino, E. M. L. (2006). Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. *Caderno de Saúde Pública*, vol. 22, n. 7, p. 1447-1458.
- Faria, D. L. de. (2007). A paternidade de filhos adolescentes: a crise do meio da vida de o processo de individuação masculino. *Boletim de Psicologia*, vol. LVII, n. 126, p. 107-118.
- Ferrari, A. G., Piccinini, C. A., Lopes, R. S. (2007). O bebê imaginado na gestação: aspectos teóricos e empíricos. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 12, n. 2, p. 305-313.

- Fonseca, J. L. C. L. (1997). *Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUCSP.
- Fontanella, B., J. B., Ricas, J., Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Caderno de Saúde Pública*, vol. 24, n. 1, p. 17-27.
- Freitas, W. M. F., Coelho, E. A. C., Silva, A. T. M. C. (2007). Sentir-se pai: A vivência masculina sob o olhar de gênero. *Cadernos de Saúde Pública*, vol. 3, n. 1. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v23n1/14.pdf>, acessado em 07 de agosto de 2011.
- Freud, S. (1914/2006). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. In Strachey (Ed. e Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (vol. 14, p. 77-110). Rio de Janeiro: Imago.
- Gama, S. G. N., Szwarcwald, C. L., Leal, M. C. (2002). Experiência de gravidez na adolescência, fatores associados e resultados perinatais entre puérperas de baixa renda. *Caderno de Saúde Pública*, vol. 18, n. 1, p.153-161.
- Gonçalves, S. D., Parada, C. M. G. de L., Bertonecello, N. M. F. (2001). Percepção de mães adolescentes acerca da participação paterna na gravidez, nascimento e criação do filho. *Ver. Esc. Enferm. USP*, vol. 35, n. 4, p. 406-412.
- Grigoletti, L. V. S. (2005). A influência da ultra-sonografia na representação do filho imaginário – filho real. *Psico*, v. 36, n. 2, p. 149-157.
- Hoga, L. A. K. H., Mello, D. S. de. (2006). Paternidad y maternidad en la adolescencia conocimiento científico producido en la última década. *Avances em Enfermería* vol. XXIV, n 2, p. 13-23.
- Hoga, L. A. K., Reberte, L. M. (2009). Vivencias de la paternidad em la adolescencia em una comunidad brasileña de baja renta. *Rev. Esc. Enferm. USP*, vol. 43, n. 1, p. 110-116.
- Hornstein, L. (1994). Historia libidinal, historia identificatoria. In: L. Hornstein e cols. *Cuerpo, historia, interpretación*. Buenos Aires: Paidós.
- Jager, M. E., Bottoli, C. (2009). O final da gestação e o período da preocupação materna primária na ótica masculina. *Disc. Scientia*. Série: Ciências Humanas, S. Maria, v. 10, n. 1, p. 151-166.
- Junckes, J. M. J., Guesser, J. C., Zampieri, M. F. M., Gregório, V. R. P., Oliveira, Z. C., Regis, I. (2009). Grupo de gestantes e/ou casais grávidos e a inserção do acompanhante/pai no processo de nascimento. *Extensio: Revista Eletrônica de Extensão*, ano 6, n. 7, p. 55-72. Disponível em:

- <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/10918>, acessado em 07 de agosto de 2011.
- Kamers, M., Baratto, G. (2004). O Discurso Parental e sua Relação com a Inscrição da Criança no Universo Simbólico dos Pais. *Psicologia Ciência e Profissão*, vol. 24, n. 3, p. 40-47.
- Knobel, M. (1987). O vínculo entre pais e a estruturação edípica na configuração dos distúrbios psicossomáticos. *Estudos de Psicologia*, vol. 4, n. 1, p. 9-16.
- Levandowski, D. C. (2001). Paternidade na adolescência: uma breve revisão da literatura internacional. *Estudos de Psicologia*, vol. 6, n. 2, p. 195-209.
- Levandowski, D. C., Antoni, C. de, Koller, S. H., Piccinini, C. A. (2002). Paternidade na adolescência e os fatores de risco e de proteção para a violência na interação pai-criança. *Interações*, vol. VII, n. 13, p. 77-100.
- Levandowski, D. C., Piccinini, C. A. (2002). A interação pai-bebê entre pais adolescentes e adultos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol. 15, n. 2, p. 413-424.
- Levandowski, D. C., Piccinini, C. A. (2006). Expectativas e sentimentos em relação à paternidade entre adolescentes e adultos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 22, n. 1, p. 17-28.
- Levandowski, D. C., Piccinini, C. A., Lopes, R. C. S. (2009). O processo de Separação-Individuação em Adolescentes do Sexo Masculino na Transição para a Paternidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol. 22, n. 3, p. 353-361.
- Lopes, R. C. S., Donelli, T. S., Lima, C. M., Piccinini, C. A. (2005). O Antes e o Depois: Expectativas e Experiências de Mães sobre o Parto. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol. 18, n. 2, p.247-254.
- Lyra, J. (2009). *Paternidade na adolescência: percorrendo a bibliografia*. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/Poster/Paternidade%20na%20Adolesc%20e%20a%20Paternidade%20-%20Percorrendo%20a%20bibliografia.pdf>, acessado em 16 de agosto de 2009.
- Lyra, J., Medrado, B., Adrião, K, Lima, J., Melo, L., Silva, A. Vieira, N. (1998). PAPAÍ: uma experiência de ensino, pesquisa e extensão. *Cadernos da Extensão*, ano 1, n. 1, p. 57-66. Recife.
- Macedo, M. M. K., Azevedo, B. H., Castan, J. U. (2010). Adolescência e Psicanálise. In M. M. K. Macedo (org.). *Adolescência e Psicanálise: Intersecções Possíveis*, p. 127-148. Porto Alegre: EDIPUCRS.

- Macedo, M. M. K., Gobbi, A. S., Waschburger, E. M. P. (2010). O corpo na adolescência: território de enlaces e desenlaces. Em M. M. K. Macedo (org.). *Adolescência e Psicanálise: Intersecções Possíveis*, p. 127-148. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Maldonado, M. T. P. (2005). *Psicologia da Gravidez: Parto e Puérperio*. Petrópolis: Vozes.
- Meincke, S. M. K., Carraro, T. E. (2009). Vivência da paternidade na adolescência: sentimentos expressos pela família do pai adolescente. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, vol. 18, n. 1, p. 83-91.
- Medonça, M. P. G. (2007). *Processo de Transição e Percepção de Aduldez: Análise Diferencial dos Marcadores Identitários em Jovens Estudantes e Trabalhadores*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto.
- Menezes, C. C. (2001). *A relação conjugal na transição para a parentalidade: Da gestação ao segundo ano de vida do bebê*. Dissertação de Mestrado. UFRGS.
- Menezes, C. C., Lopes, R. de C. S. (2007). Relação conjugal na transição para a parentalidade: gestação até dezoito meses do bebê. *Psico-USF*, v. 12, n. 1, p. 83-93.
- Menendez, J. A. B., Lebovici, S., Salinas, J. L., Movo, M. R., Solis, L., Botbol, M., Durán, M. M., Córdova, A. (2004). A função do pai: Na consulta terapêutica pais-bebês e no tratamento do transtorno alimentar na criança. In M. C. P. da Silva, L. Solis-Ponton. *Ser Pai, Ser Mãe – Parentalidade: Um desafio para o terceiro milênio*, p. 57-66. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mezan, R. (2002). *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Minayo, M. C. S., Sanches, O. (1993). Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? *Caderno de Saúde Pública*, vol. 9, n. 3, p. 239-262.
- Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. *Educação – Revista da Faculdade de Educação da PUCRS*, Porto Alegre, v.22, n.37, p.7-31.
- Moreira, M. C., Sarrieira, J. C. (2008). Satisfação e composição da rede de apoio social a gestantes adolescentes. *Psicologia em Estudos*, vol. 13, n. 4, p. 781-789.
- Neinstein, L. S., Rabinovitz, S., Schneir, A. (1991). Teenage pregnancy. Em L. S. Neinstein (Org.), *Adolescent health care: A practical guide*. Baltimore: Urban & Schwarzenberg.
- Nogueira, M. J., Martins, A. M., Schall, V. T., Modena, C. M. (2011). “Depois que você vira um pai...”: adolescentes diante da paternidade. *Adolescência e Saúde*, v. 8, n. 1, p. 28-34.
- Nunes, M. L. T. (2005). Entrevista como instrumento de pesquisa. Em: M. M. K. Macedo, L. K. Carrasco. *(Con)textos de entrevista: olhares diversos sobre a interação humana*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Oliveira, E. M. F., Brito, R. S. (2009). Ações de cuidado desempenhados pelo pai no puerpério. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, vol. 13, n. 3, p. 595-601.
- Oliveira, S. C., Ferreira, J. G., Silva, P. M. P., Ferreira, J. M., Seabra, R. A., Fernando, V. C. N. (2009). A participação do homem/pai no acompanhamento da assistência pré-natal. *Cogitare Enfermagem*, vol. 14, n. 1, p. 73-78.
- Orlandi, R. (2005). Sobre o processo de constituição do sujeito face à paternidade na adolescência. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 11, n. 18, p. 257-267.
- Orlandi, R., Toneli, M. J. F. (2008). Adolescência e paternidade: sobre os direitos de criar e procriar. *Psicologia em Estudo*, Maringá, vol. 13, n. 2, p. 317-326.
- Parke, R. D. (1986). *El papel del padre*. Madrid: Ediciones Morata.
- Perdomini, F. R. I. (2010). *A participação do pai como acompanhante da mulher no processo do nascimento*. Dissertação de Mestrado. UFRGS.
- Piccinini, C. A., Gomes, A. G., Moreira, L. E., Lopes, R. S. (2004). Expectativas e Sentimentos da Gestante em Relação ao seu Bebê. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 20, n. 3, p. 223-232.
- Piccinini, C. A., Ferrari, A. G., Levandowski, D. C., Lopes, R. S., Nardi, T. C. (2003). O bebê imaginário e as expectativas quanto ao futuro do filho em gestantes adolescentes e adultas. *Interações*, vol. VIII, n. 16, p. 81-108.
- Piccinini, C. A., Levandowski, D. C., Gomes, A. G., Lindenmeyer, D., Lopes, R. S. (2009). Expectativas e sentimentos de pais em relação ao bebê durante a gestação. *Estudos de Psicologia - Campinas*, vol. 26, n. 3, p. 373-382.
- Piccinini, C. A., Silva, M. R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. S., Tudge, J. (2004). O Envolvimento Paterno Durante a Gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol. 17, n. 3, p.303-314.
- Pinheiro, T. (2001). Narcisismo, sexualidade e morte. In M. R. Cardoso. *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Rio de Janeiro: NAU.
- Ribeiro, M. (2006). Articulações entre narcisismo e reprodução assistida. In *Psicologia em reprodução assistida: experiências brasileiras*. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rodrigues, L., Medrado, B., Lyra, J., Oliveira, A. R., Oliveira, D., Felipe, D. (2008). No contexto da gravidez na adolescência, há paternidade: revendo olhares e práticas. *Fazendo Gênero 8 – Corpo, violência e poder*, Florianópolis, 25-28 de agosto.
- Salas, E. (1978). Resenha bibliográfica sobre paternidade. Em A. Aberastury, E. Salas. *A paternidade: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Santo, L. C. E. (2000). *O desejado e o vivido pelo pai durante o processo de parto e nascimento de seu bebê*. Dissertação de Mestrado. UFRGS.
- Santo, L. C. E., Bonilha, A. L. L. (2000). Expectativas, sentimentos e vivências do pai durante o parto e o nascimento de seu filho. *Revista gaúcha de Enfermagem*, v. 21, n. 2, p. 87-109.
- Santos, J. L. O. dos. (2008). Menino que faz menino ainda é menino? A invisibilidade da paternidade adolescente. *Fazendo Gênero 8 – Corpo, violência e poder*, Florianópolis, 25-28 de agosto.
- Santos, M. R. C., Zellerkraut, H., Oliveira, L. R. (2008). Curso de orientação à gestação: repercussões nos pais que vivenciam o primeiro ciclo gravídico. *O Mundo da Saúde*, vol. 32, n. 4, p. 420-429.
- Sarmento, R. C. (1999). *Casais grávidos e os novos sentidos da paternidade: um estudo qualitativo com referencial psicanalítico*. Tese de doutorado. Orient. S. S. Arruda. Co-Orient. R. M. R. Cassorla. Campinas – SP: Unicamp.
- Sartori, G. S., Van Der Sand, I. C. P. (2004). Grupo de gestantes: espaço de conhecimentos, de trocas e de vínculos entre os participantes. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 6, n. 2, p.153-165. Disponível em: www.fen.ufg.br, acessado em 07 de agosto de 2011.
- Schelemberg, J. M., Pereira, L. D. C., Grisard, N., Hallal, A. L. C. (2007). Características socioeconômicas e psicossociais do pai adolescente. *Arquivos Catarinenses de Medicina*, vol. 36, n. 2, p. 62-68.
- Schettert, E., Nóbrega, C. V. da, Lunguinho, V. G., Araujo, E. C. de, Barreto Neto, A. C. (2007). Exercício da sexualidade do adolescente: Revisão de literatura sobre a paternidade. *Revista de Enfermagem da UFPE On line*, vol. 1, n. 2, p. 215-220.
- Schmidt, M. L. S., Bonilha, A. L. L. (2003). Alojamento conjunto: expectativas do pai com relação aos cuidados de sua mulher e filho. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, vol. 24, n. 3, p. 316-324.
- Schwartz, T., Vieira, R., Geib, L. T. C. (2011). Apoio social a gestantes adolescentes: desvelando percepções. *Ciência & Saúde Coletiva*, vol. 16, n. 5, p. 2575-2585.
- Silva, L., Tonete, V. L. P. (2006). A gravidez na adolescência sob a perspectiva dos familiares: compartilhando projetos de vida e cuidado. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, vol. 14, n. 2, p. 199-206.
- Silva, M. C. P. da, Solis-Ponton, L. (2004). *Ser Pai, Ser Mãe, Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Soussan, P. B. (2005). *Le Bébé Imaginaire*. Ramonville Saint-Agne: Éditions Érès.

- Sternbach, S. (2008). *Adolescencias: tiempo y cuerpo em la cultura actual*. Em: M. C. R. Hornstein. *Adolescencias: trayectorias turbulentas*. Buenos Aires: Paidós.
- Suassuna, A. M. V. (2008). *A influência do diagnóstico pré-natal na formação de possíveis psicopatologias do laço pais-bebê*. Dissertação de Mestrado. Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- Toneli, M. J. F., Lodetti, A. S., Gomes, M. de A., Araújo, S. A. (2009). *Prover, disciplinar, cuidar: os sentidos da paternidade na adolescência*. Disponível em: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_231.pdf, acessado em 15 de agosto de 2009.
- Trindade, Z. A., Menandro, M. C. S. (2002). Pais adolescentes: vivência e significação. *Estudos de Psicologia*, vol. 7, n. 1, p. 15-23.
- Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, vol. 39, n. 5, p. 507-514.
- Unicef/ONU. (2009). *Adolescentes*. Disponível em: http://www.unicef.org/brazil/pt/activities_9418.htm, acessado em 20 de setembro de 2009.
- Vizzoto, M. M. (1994). *Psicodinâmica da paternidade: um estudo sobre homens que esperam o nascimento de seu filho*. Tese de doutorado. Campinas – SP: Unicamp.
- Witter, G. P., Guimarães, E. A. (2008). Percepções de Adolescentes Grávidas em Relação a seus Familiares e Parceiros. *Psicologia Ciência e Profissão*, vol. 28, n. 3, p. 548-557.
- Zampieri, M. F. M. (2006). *Cuidado humanizado no pré-natal: um olhar para além das divergências e convergências*. Tese de Doutorado. UFSC.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

Adolescência? Adolescência! Um tema tão discutido, tão questionado, tanto no meio acadêmico quanto no cotidiano social, mas que contempla, por sua complexidade, facetas inexploradas. Complexo... fascinante... doloroso... jubiloso... período da vida que comporta tamanha diversidade que faz questionar, em nível individual e coletivo, o legado do passado e as condições de construção e investimentos no futuro. Nas demandas às pessoas que transitam esse momento de vida tais como o desinvestimento dos objetos infantis para que possam adentrar no mundo adulto, configuram-se suas escolhas e decisões de vida. Esse processo psíquico contempla a exigência de uma escolha profissional, escolha familiar, escolha de grupo social, tendo como protagonista um sujeito imerso em reflexões sobre si mesmo e seu lugar no mundo. Já não pertence ao mundo infantil e ainda não é reconhecido no mundo das responsabilidades adultas.

Cada vez que nos debruçamos sobre essa temática de estudo, mais percebemos o quanto é necessário compreendê-la com um olhar que abarque o *continuum* do desenvolvimento humano, lançando sobre a adolescência um olhar amplo que permita compreender a singularidade e a dinamicidade próprias desta idade da vida.

Se além da complexidade da transição adolescente se sobrepõe a ocorrência da paternidade, o sujeito passa a vivenciar um incremento de conflituos no processo de subjetivação. A experiência da parentalidade pode abrir vias de retomada e ressignificação das vivências iniciais com os objetos libidinais, assim como possibilitar a construção de novas histórias para além da repetição intergeracional. Nesse sentido, percebeu-se na fala dos participantes deste estudo o desejo e o movimento ativo dos jovens pais em direção à experiência de assumirem seus lugares paternos. Trata-se de importante contribuição ao exercício de reflexão sobre a ocorrência da paternidade na adolescência. Abrem-se condições, a partir destas constatações, para considerar a relevância de programas, em nível de saúde pública, que além de explorar condições de cuidados contra conceptivos na adolescência, promova recursos de escuta, compreensão e intervenção na ocorrência de uma gravidez incrementando o necessário preparo de adolescentes para exercer as funções parentais.

Esse estudo possibilitou a análise destas sobreposições, assim como de um espaço de escuta do próprio pai e da busca de compreensão de suas vivências e percepções mais subjetivas desse processo sócio-histórico e cultural. O enfoque psicanalítico nos possibilita avançar e aprofundar nas vivências relatadas por esses sujeitos, indo além do dito. E a

pesquisa surge como uma fonte inesgotável de conhecimento e construção coletiva e subjetiva.

O presente estudo não pretendeu abranger todas as relações e complexidades desse fenômeno que interliga dois processos amplamente abrangentes do ponto de vista de estruturação identitária de um indivíduo. Buscou-se lançar um olhar reflexivo sobre esse campo ainda pouco explorado desde o ponto de vista de seus protagonistas. Espera-se que este estudo promova e estimule novas inquietações a respeito de uma pertinente temática individual e coletiva: a saúde psíquica de jovens e as condições de cuidado e atenção quando a constituição de uma família se dá tendo pais adolescentes.

ANEXOS

ANEXO A
Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

OF.CEP-1123/10

Porto Alegre, 08 de outubro de 2010.


Senhora Pesquisadora,

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa registro CEP 10/05181 intitulado **"Um olhar sobre a paternidade adolescente: especificidades de uma vivência"**.

Salientamos que seu estudo pode ser iniciado a partir desta data.

Os relatórios parciais e final deverão ser encaminhados a este CEP.

Atenciosamente,


Prof. Dra. Virginia Minghelli Schmitt,
Coordenadora Substituta do CEP-PUCRS

Ilma. Sra.
Profa. Monica Medeiros Kother Macedo
FAPSI
Nesta Universidade

PUCRS

Campus Central
Av. Ipiranga, 6690 – 3º andar – CEP: 90610-000
Sala 314 – Fone Fax: (51) 3320-3345
E-mail: cep@pucrs.br
www.pucrs.br/prppg/cep

ANEXO B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estamos solicitando sua autorização para que seu filho possa participar da presente pesquisa, que está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). O objetivo deste estudo é identificar como o adolescente do sexo masculino percebe e vivencia sua experiência de paternidade na adolescência. Para tanto será solicitado que ele responda algumas perguntas sobre a sua vivência e percepção da paternidade adolescente. Essa entrevista será gravada, com o seu consentimento, e logo após transcrita, sob a coordenação das psicólogas responsáveis pelo estudo Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo e Marina de Moraes e Prado. Os dados obtidos através desta entrevista serão mantidos em sigilo e colocados anonimamente à disposição do pesquisador responsável pelo estudo. O maior desconforto para o adolescente será o tempo que deverá dispor para responder à entrevista. O benefício será a contribuição pessoal para o desenvolvimento de um estudo científico.

Eu, _____ (nome do pai, mãe ou responsável pelo adolescente) fui informado (a) dos objetivos especificados acima, de forma clara e detalhada. Recebi informações específicas sobre o procedimento no qual meu adolescente estará envolvido, do desconforto previsto, tanto quanto do benefício esperado. Todas as minhas dúvidas foram respondidas com clareza e sei que poderei solicitar novos esclarecimentos a qualquer momento através do telefone (62) 8115-1262. Sei que novas informações obtidas durante o estudo me serão fornecidas e que terei liberdade de retirar meu consentimento de participação do meu filho na pesquisa em face dessas informações. Fui certificado de que as informações por meu filho fornecidas terão caráter confidencial.

Declaro que recebi cópia do presente termo de consentimento livre e esclarecido.

Assinatura do Responsável

Data

Eu, _____, declaro, pelo presente consentimento, que fui informado, de forma clara e detalhada, dos objetivos da pesquisa. Recebi as informações necessárias e esclareci minhas dúvidas, fornecendo livremente o consentimento da minha participação na pesquisa.

Assinatura do Adolescente

Data

Marina de Moraes e Prado
CRP 09/06400

Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo
CRP 07/03039

ANEXO C

Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos

FICHA DE DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Data: ____/____/____

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data de Nascimento: _____

Idade: _____

Naturalidade/Nacionalidade: _____

Estado Civil: () Solteiro(a) () Casado(a) () Viúvo(a) () Amigado/União estável
() Separado Judicialmente () Divorciado

Escolaridade: () Nenhuma () Fund. Incompleto/ Até que ano? _____

() Fund. Completo () Médio Incompleto/ Até que ano? _____

() Médio Completo () Técnico. Qual área? _____

Idade da Esposa/companheira/namorada (gestante) _____

Período da Gestação _____

Previsão Nascimento Filho (a) _____

Repetiu alguma série?

() Não () Sim Quantas vezes? _____

Qual série? _____

Profissão: _____

Ocupação Atual: () Trabalhando () Em benefício () Nunca trabalhou

Renda provém: () Pensão () Salário () Ajuda de Terceiros

() Outros/especifique: _____

Religião: _____ Praticante? () Sim () Não

DADOS DE SAÚDE PESSOAL

Apresenta alguma doença Física? () Não () Sim

Qual(is)? _____

Apresenta alguma doença Psicológica? () Não () Sim

Qual(is)? _____

Faz ou fez algum tipo de tratamento?

() Não () Sim

Médico () e/ou Psicológico ()

Qual (is)? _____

Toma medicamentos? () Não () Sim

Qual (is) medicamento(s)? _____

DADOS FAMILIARES:

Com quantas pessoas mora? _____

Mora em/de: () Casa própria () Aluguel () Favor

Com quem mora?

() **Companheiro(a)** Idade: _____ Ocupação: _____

() **Pai** Idade: _____ Data de nascimento: _____ Ocupação: _____

Escolaridade: _____

() **Mãe** Idade: _____ Data de nascimento: _____ Ocupação: _____

Escolaridade: _____

() **Madrasta/Padrasto** Idade: _____ Ocupação: _____

Escolaridade: _____

() **Irmãos:** Quantos? _____

Idade: _____ Sexo: _____ Escolaridade: _____

Idade: _____ Sexo: _____ Escolaridade: _____

Idade: _____ Sexo: _____ Escolaridade: _____

() **Avô/Avó** Idade: _____ Ocupação: _____

() **Outros** (Especifique): _____

RENDA FAMILIAR:

Até 1 salário mínimo ()

1 a 3 salários mínimos ()

3 a 5 salários mínimos ()

Acima de 5 salários mínimos ()